

WILSON GARCIA

---

# O Centro Espírita e suas Histórias

---

**U.S.E.**  
EDITORA

---

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# O Centro Espírita e suas Histórias

## História, estórias e histórias

O início do Espiritismo muito deve às reuniões realizadas no âmbito das letras. O trabalho inicial do prof. Rivail assentava-se no estudo e reuniões com vários médiuns, em seus lares. Ressalva-se que àquela época não existiam Centros Espíritas. Logo após a publicação de "O Livro dos Espíritos", já sob o pseudônimo de Allan Kardec, o Codificador fundou aos 1<sup>o</sup> de abril de **1858**, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que veio a funcionar em sala alugada o Palais Royal. A partir daí, Kardec interrompe as reuniões que há seis meses realizava às terças-feiras, em sua própria residência.

Essa é a origem do primeiro Centro Espírita do mundo. A partir daí, pode-se verificar o rigor de Allan Kardec pela leitura do Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o qual está incluído como um dos capítulos de "O Livro dos Médiuns".

O desconhecimento da história da fundação e do funcionamento dessa Sociedade fundada pelo próprio Codificador e das magníficas orientações enfeixadas no livro há pouco citado, considerado pelo autor como "guia dos médiuns e evocadores", criam terreno propício para a disseminação de muitas estórias.

As deturpações doutrinárias, dando vazão a manifestações personalísticas e ao "Espiritismo à moda da casa", de estórias criadas por mentes desavisadas, se corporificam em tristes realidades.

A presente obra reúne observações de Wilson Garcia sobre seu contacto direto com centenas de Centros Espíritas. Numa linguagem acessível, o autor apresenta histórias extraídas do cotidiano de alguns Centros.

Tais histórias ensejam ponderações por parte do leitor e estudos por parte dos Centros Espíritas. Esta obra oferece subsídios ao tema "Dimensão Cósmica do Centro Espírita", em debate no 8<sup>a</sup> Congresso Estadual de Espiritismo, promovido pela USE.

O alerta do Cristo: "...e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mateus, **16:19**), sugere o raciocínio de que o isolamento aliado a invigilâncias doutrinárias ou a posturas pessoais, desligariam dirigentes e trabalhadores dos reais objetivos da Doutrina e do movimento espírita. O estado de "desligamento" impediria que eficientes pessoas levassem importantes atividades a níveis de eficácia.

As histórias relatadas por Wilson Garcia são importantes lições que devem contribuir para a reflexão e eventuais correções de rotas de Centros e do movimento espírita. As autênticas "ligações com os céus" oferecem condições para o atendimento dos fins educacionais e espirituais da Doutrina Espírita.

São Paulo, dezembro de 1991.

Antonio Cesar Perri de Carvalho Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

## Explicações ao leitor

Meus contatos com os centros espíritas tiveram início em 1970. Naquele ano, ingressei no quadro de colaboradores do Departamento Federativo da Federação Espírita do Estado de São Paulo e fui orientado para o trabalho de visitação aos centros. Desde então, venho observando as atividades dos centros e o comportamento dos seus dirigentes e frequentadores. Mais tarde, proseguei com essas experiências na União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Tenho registrado visitas e palestras em cerca de quinhentos centros espíritas, tirando daí lições importantes que me permitem, agora, apresentar algumas histórias.

Não me motiva o desejo de dar conselho, muito menos o de traçar normas para ninguém. O meu objetivo é mostrar os fatos como eles aconteceram e oferecer subsídios para que os interessados raciocinem e tirem as suas conclusões.

Não existe um modelo acabado de centro espírita. Embora haja atividades comuns entre os diversos centros, além dos princípios doutrinários que são iguais para todos, a verdade é que cada um desenvolve ao longo do tempo a sua própria realidade e forma o seu hábito interno. Mesmo as atividades comuns assumem contornos próprios, de modo que se pode estabelecer diferenças de forma de centro para centro. Houve um tempo em que se acreditou que os centros espíritas surgissem, na sua maioria, da existência de um médium. Hoje se pode afirmar, sem medo de errar, que os centros espíritas nascem das mais diferentes razões - e entre elas está algumas vezes o médium. Também não julgo correto afirmar que o motivo básico da fundação de centros espíritas é o ideal dos fundadores. Em muitos casos, sim. Mas, inúmeros outros mostram intenções bem diversas e necessidades diferentes. Nesses casos, o ideal, quando aparece, só surge bem mais tarde.

O estudo do centro espírita demonstra que há nas origens de cada um uma verdade que não raro contraria o pensamento dos dirigentes das entidades federativas. A existência de quadros e imagens de santos em certos centros, por exemplo, pode significar não apenas que os dirigentes ignoram certos princípios filosóficos do Espiritismo, mas até mesmo que eles desconhecem que existe uma doutrina codificada e capaz de orientá-lo. Veja-se que são coisas bem distintas. Há centros em que seus dirigentes sabem que existe a doutrina, mas não estão bem informados dos seus princípios, enquanto que outros não sabem sequer que a doutrina existe!

Na verdade, os dirigentes desses centros não os fundaram espíritas e a existência do qualificativo "espírita" na fachada não é suficiente para determinar uma ligação com a

doutrina codificada por Kardec. O tempo e as circunstâncias fazem com que muitos desses centros acabem se aproximando das casas genuinamente espíritas. Neste caso, se o conflito for tratado com sabedoria, estes centros acabarão se modificando e se definindo doutrinariamente. Vi inúmeras vezes isso acontecer. Ocorre, porém, que a falta de tato de certos dirigentes unificacionistas acaba gerando um distanciamento do centro com seus congêneres, perdendo-se a oportunidade de tomá-los verdadeiros centros espíritas. Também já vi isso acontecer.

Por outro lado, a relação dirigentes/frequentadores nas casas espíritas deve ser analisada na sua devida realidade. Essa relação se apresenta, em muitos casos, eivada de falsos conceitos e de certos exageros. Na ânsia de bem realizar um trabalho que se assemelha a uma missão, o dirigente muitas vezes se excede na sua autoridade, quando não faz afirmações doutrinárias totalmente falsas. Por sua vez, os frequentadores confundem o dirigente, pessoa física e humana, com a doutrina, e acabam tomando suas atitudes como se fossem princípios doutrinários. Mais tarde, na falha do dirigente, abandonam o centro por entender que a falha é da doutrina.

A universidade da alma, como Emmanuel define o centro espírita, é um verdadeiro ninho de experiências, oferecendo ao estudioso um vasto campo de análise. Nas pálidas páginas deste livro vai um pouco daquilo que observei na convivência de mais de vinte anos com os centros espíritas, convivência esta que prossegue nos dias amais. São, muitas vezes, pequenas histórias que podem significar muito, se delas puder ser tirada a verdadeira experiência.

Devo esclarecer que em muitos casos troquei os nomes e deixei de dar a verdadeira localização dos centros para não ferir suscetibilidades nem deixar certo desconforto para companheiros, bem intencionados, que ainda estão entre nós, na luta diária pelo seu próprio aperfeiçoamento. Outras vezes, faço observações que devem ser vistas como ponto de vista pessoal, que o leitor deve analisar racionalmente, com a devida liberdade para aceitar ou não. Vamos, pois, às histórias.

O Autor.

## O Espiritismo, a graça e a fé

Como de costume, cheguei ao centro espírita com quinze minutos de antecedência. Havia viajado mais de uma hora pela Cometa, até chegar a Sorocaba. Depois de cumprimentar os dirigentes, fui convidado a me sentar à mesa. O salão, pequeno, comportava cerca de cinquenta pessoas, que permaneciam em silêncio. Com seus sessenta anos e os cabelos grisalhos, o presidente levantou-se e deu início à reunião com uma prece mais ou menos assim:

- Meu senhor Jesus, dai-nos a graça da nossa salvação neste mundo cheio de impiedade. Vós, que aqui viestes e sofrestes, dai-nos a fé, para que, crendo em Deus possamos alcançar

a salvação de nossas almas e merecer a felicidade no dia do juízo final. A vossa graça, Senhor, é tudo o que precisamos para estar ao lado direito de Deus-Pai, agora e sempre. Amém.

A seguir, orou em voz alta o Pai Nosso, no que foi acompanhado em coro pelos presentes, passando-me a palavra. Nas paredes, santos diversos se distribuía em quadros empoeirados.

Algumas religiões evangélicas afirmam que se a pessoa alcançar a graça estará salva. A graça, dizem, é dada pelo Cristo aos que a imploram. Outros ramos afirmam que a pessoa precisa ter fé no Cristo para alcançar a salvação. A fé, dizem estes, é maior do que a caridade, o amor, etc.. É ela que salva.

O Espiritismo entra nessa conversa e diz - “fora da caridade não há salvação”. Com isto, procura conduzir o indivíduo a uma vida ativa na sociedade humana. Entende o Espiritismo que o indivíduo pode crer, julgar-se proprietário da graça, tudo, mas se não tiver a vivência social da caridade nada será em termos espirituais.

Graça, fé e salvação são termos cujo conteúdo se aprofunda no Espiritismo, fugindo completamente das definições que lhes são dadas por evangélicos, católicos, etc.. Sem graça fica o Espírito que, julgando-se salvo pela fé, acaba se descobrindo numa posição apenas razoável, senão medíocre após a morte. Graça (ou dom de Deus) fica melhor para o espírita como beleza desenvolvida pelo aperfeiçoamento das virtudes. E, pois, uma conquista originária do esforço, do mérito, único poder capaz de impedir que a alma vá ocupar regiões infelizes após a vida física. O “dom de Deus”, para o Espiritismo, está aliado ao trabalho, ao sacrifício, à participação.

Salvação é termo que não encontra respaldo no Espiritismo. Nada está perdido que precise ser salvo. Nada há definitivamente condenado. Todos os Espíritos se submetem à lei da evolução, pela qual, mais cedo ou mais tarde, vão superar os estágios de sujeição à matéria, aos instintos animais, ao poder do egoísmo, que é causa da sua violência contra as leis naturais.

O Espiritismo não oferece a graça nem promete salvação. Oferece, sim, instrumentos para que o homem compreenda a vida e construa seu destino, dando-lhe uma direção capaz de levá-lo aos resultados que almeja.

Quanto à fé, ela já é bem conhecida dos espíritas. Em sua definição - “fé verdadeira é aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade” - conduz o indivíduo a compreender que a crença por temor do desconhecido, do misterioso; a fé cega, que não leva à compreensão de nada; a fé baseada em palavras ou na interpretação de textos ditos sagrados, esta fé não existe. A fé verdadeira leva o ser a pensar, a pesquisar, a analisar e, por fim, a crer no que ele pode explicar. O espírita, pelo estudo constante e pela prática dos conhecimentos adquiridos, é levado a compreender em profundidade o que lhe corresponderá após deixar o corpo físico. Se a vaidade não lhe obscurece a razão, ele

solidifica esta intuição, vivendo sem ilusões quanto ao que lhe espera.

A fé para o espírita não pode funcionar como a muleta das religiões conhecidas. Não lhe basta dizer – “eu creio” – porque isto não lhe confere nenhuma garantia de felicidade. Afora o materialista convicto, todos os seres humanos, de uma maneira ou de outra, acreditam em Deus. No entanto, como a provar que esta crença não se materializa na sociedade humana, a injustiça prossegue com forte presença em nosso meio. Eis aí o contra-senso fundamental: ao mesmo tempo em que bilhões de criaturas dizem crer naquele que é o Ser perfeito, agem contra a perfeição. Se, de fato, “pelo fruto se conhece a árvore”, não se pode aceitar que seres imperfeitos sejam guindados ao mundo da perfeição pelo simples fato de que se confessavam crentes em Deus.

## O centro espírita e a vida futura

O Espiritismo é uma verdadeira revolução, já dizia Herculano Pires. Os frequentadores dos centros espíritas precisam ser levados a raciocinar constantemente sobre sua presença e comportamento no centro e diante das informações doutrinárias. É preciso que ele questione sobre o que está fazendo no centro espírita, em que medida está assimilando verdadeiramente –

17

te os conhecimentos doutrinários e como esses conhecimentos passam do nível teórico para o da sua vida prática. Este questionamento parece ser fundamental para todos, uma vez que a presença metódica no centro espírita pode condicionar o ser a comportamentos mecanizados, não pensados, com o que passará a repetir os condicionamentos adquiridos em religiões estereotipadas.

Nenhum indivíduo pode imaginar, como imaginam os participantes das diversas religiões, que a sua simples presença no centro significa uma garantia de futuro espiritual promissor. Nem mesmo qualquer dirigente pode alimentar, de leve sequer, esta ilusão nos frequentadores. A revolução que o Espiritismo vem fazer entra neste e em muitos campos da vida humana. O centro espírita não possui nenhum poder mágico de transformar pessoas atrasadas em criaturas perfeitas. A sua função consiste em ensinar as pessoas a se conhecerem, em primeiro lugar, e depois em oferecer-lhes instrumentos capazes de fazê-las progredir.

Quando o ser não se auto-analisa com frequência, acaba por cair em determinadas rotinas, em atitudes mecanizadas, o que lhe embota a razão. Como pode um centro espírita ou qualquer de seus dirigentes garantir para alguém um mundo feliz após a morte? Em que ele se baseará para isso? Não há como. Um dos grandes perigos que as pessoas podem ter em relação ao Espiritismo é a ilusão de que conhecem e compreendem bem a doutrina. O Espiritismo é muito simples e ao mesmo tempo complexo. Este paradoxo é inerente às doutrinas avançadas e se não for bem compreendido por aqueles que dizem seguir-lhe,

provocará nesses a ilusão de terem um conhecimento dela excelente. Na verdade, este conhecimento poderá ser falso.

Na vida, tudo parte do simples para o complexo, para depois retomar ao simples. Aquilo que é simples é, também, enganoso, porque apresenta uma face de coisa de fácil assimilação, quando na verdade apreender as coisas simples é algo muito difícil. Não se trata de jogo de palavras. É aí que muitos tropeçam, embora poucos sejam capazes de admitir.

A prática da caridade, a tolerância para com o próximo, a eficácia do passe, as curas através da participação dos Espíritos, as leis naturais como a da reen-camação, de causa e efeito, etc., são princípios e conhecimentos aparentemente simples e fáceis de assimilar. Mas só em aparência. Na prática, a assimilação de tudo isto exige aquilo que Herculano dizia: uma revolução, que começa no ser e se transporta para o social. Se as pessoas que frequentam o centro espírita, sejam elas quem forem, - dirigentes ou adeptos - não pensarem nisto com seriedade, com certeza poderão estar se enganando.

O centro só pode oferecer apoio, consolo e conhecimentos, nada além. Se o indivíduo não souber utilizar o conhecimento, que é a parte mais importante que o Espiritismo oferece, de nada adiantará a sua frequência ao centro. O conhecimento que se obtém no centro é uma ferramenta que deve ser posta em funcionamento, na vida pessoal e na vida de relação.

Em primeiro lugar, é preciso observar que tudo no Espiritismo se relaciona. Não há conhecimento esparso, que não possua ligações com outros conhecimentos anteriores e posteriores. Esta é uma visão de conjunto, que deve ser apreendida pelos dirigentes e passada para os frequentadores. Tudo no Espiritismo se entrelaça, porque o Espiritismo é a síntese do conhecimento da natureza e o homem é parte da natureza.

Quando alguém no centro espírita pergunta: - quem sou? - a doutrina lhe responde: - você é um Espírito. Eis, portanto, o início de tudo, o princípio sobre o qual frequentadores e dirigentes devem começar a pensar e onde deve se iniciar a revolução de Herculano. O Espiritismo não nos diz que somos um Espírito misterioso, que deve morrer para alcançar a glória. Absolutamente. Ele diz que somos Espíritos, individualidades objetivas, seres com vida própria. Fazemos parte integrante da natureza, agimos sobre ela, alteramos-lhe a rota normal, construímos e reconstruímos, no sentido exato da transformação de Lavoisier. Somos Espíritos imortais e uma única circunstância nos diferencia dos Espíritos invisíveis: o corpo físico. Sim, enquanto encarnados, possuímos um corpo físico mais denso, diferente dos Espíritos desencarnados, que utilizam um outro corpo físico, menos denso. Mas esta é uma diferença circunstancial, apenas. Quando este corpo físico desaparecer, nada mais vai nos diferenciar dos Espíritos desencarnados. A não ser este corpo físico denso, nada existe que nós encarnados não tenhamos que os Espíritos invisíveis possuam.

Este conhecimento, simples como o Espiritismo, seria suficiente para que pudéssemos entender a vida mais profundamente, mas para que isso acontecesse seria preciso que parássemos constantemente para pensar, raciocinar. O Espírito é uma individualidade,

imortal, é o ser inteligente da natureza. É um agente, um ser voltado para a ação e não criado para o estado de beatitude. Se nada o diferencia do Espírito invisível, não há razão alguma para que o homem tema os Espíritos, de um lado, e os tenha como seres que tudo sabem, de outro. A razão, neste ponto, é muito clara: o Espírito desencarnado é o homem, que já não tem o corpo físico terreno. É, portanto, o homem que viveu, como nós estamos vivendo, e experimentou todas as paixões, todos os vícios; que chorou e sorriu, lutou, ganhou, perdeu, aprendeu, e só sabe aquilo que conheceu e experimentou. Não é o santo nem o demônio. É simplesmente ser humano.

Ao dizer que somos Espíritos, a doutrina espera que possamos ter uma visão ampla, efetiva, profunda daquilo que é Espírito, ou seja, uma visão cósmica. Esta visão precisa começar a partir da análise de nos mesmos, que somos hoje Espíritos encarnados e seremos amanhã Espíritos desencarnados. Assim, pois, sabemos que não nascemos ontem e não morreremos amanhã. Somos seres que vêm nascendo e renascendo, vivendo experiências múltiplas ao longo dos séculos. Vivemos a vida em dois mundos, o visível e o invisível, e em ambos aprendemos. Influenciamos os seres que estão de ambos os lados: os desencarnados influenciam os encarnados e vice-versa. Como não vemos, em circunstâncias normais, os Espíritos desencarnados, não podemos ter a precisão das influências deles. O mesmo não se dá do lado deles, pois os Espíritos têm a visão deles e de nós.

Neste ponto, a doutrina espírita informa que a convivência dos Espíritos com os homens é intensa e se dá de forma permanente. Se André Luiz estiver correto naquilo que ele informa – de que a humanidade terrena, que se constitui de Espíritos desencarnados e encarnados, é composta de dois terços fora da terra e um terço entre nós – poderemos dizer que a proporção é de dois para um, ou seja, haveria dois Espíritos para cada pessoa encarnada. Certa ou não, essa informação bate com a afirmação de “O Livro dos Espíritos”, de que os Espíritos convivem conosco muito mais do que imaginamos.

Como se percebe, o conhecimento do Espírito é de grande importância para todos nós e esse conhecimento é o ponto de partida para a revolução que o Espiritismo deve fazer. Ele modifica, ou amplia, tudo aquilo que até aqui o homem conhecia. Ele modifica, também, a visão do ser: a partir desse conhecimento, não se pode mais falar de Espíritos como algo misterioso, mesmo que eles permaneçam, como de fato o são, invisíveis aos olhos da maioria. O mistério deixou de existir, substituído que foi pelo conhecimento efetivo, ainda que nos falte tantas e tantas informações complementares. Nas coisas aparentemente desnecessárias e nas coisas realmente profundas, essa revolução precisa acontecer. Do simples medo, que a maioria anda sente dos Espíritos, à ilusão de que eles tudo sabem e tudo podem, a visão precisa mudar. Do receio da morte ao sofrimento permanente pelas perdas de entes queridos, o comportamento precisa mudar. Se sabemos que os Espíritos são os homens encarnados de ontem, por que razão os tememos em determinados momentos? Conhecendo os homens como os conhecemos, com suas virtudes e defeitos, por que razão

deveremos imaginar que eles, após a morte se transformam em seres onipotentes? Apesar disso tudo, ainda somos seres cujos sentimentos estão enraizados na cultura adquirida através dos tempos, cultura essa que nos leva ora a temer ora a idolatrar os Espíritos. E é esta mesma cultura que nos faz perpetuar o sofrimento ante a perda de entes queridos, apesar de já sabermos que eles continuam vivos. Isto prova que há uma distância muito grande entre o que julgamos conhecer e aquilo que o Espiritismo é de fato.

As coisas, porém, não param aí. Ao dizer que somos Espíritos, o Espiritismo diz, também, que nós pensamos. Eis outro ponto de fundamental importância, que precisa ser meditado e estudado profundamente nos centros espíritas. Dissemos – estudado e meditado – e não recitado, como muitos fazem.

Ao pensar, nós criamos a vida à nossa volta. O pensamento é a causa da existência da vida, dos mundos, das coisas visíveis e invisíveis cuja origem está na energia cósmica. Ele é a expressão da personalidade. Descartes dizia: penso, logo, existo. O homem espírita diz: "sou Espírito, logo, penso. E pelo pensamento crio a vida e o meu mundo".

O pensamento é a linguagem dos Espíritos superiores. Mas é, também, de todos nós o espelho da vida. As experiências espíritas demonstraram que o pensamento se expressa em nosso corpo perispiritual, onde imprime as imagens daquilo que com ele construímos. Enquanto encarnados, o nosso pensamento se esconde aos olhos gerais, porque normalmente não podemos ver os pensamentos alheios, senão em casos especiais. Mas, boa parte dos Espíritos que nos rodeiam sabem ler em nosso corpo perispiritual aquilo que nós pensamos.

Outro elemento importante neste caso é a energia cósmica, que o Espiritismo trata por fluidos. Ao pensar, o ser movimenta a energia e cria com ela. Essa energia, em estado natural, como informa Kardec, não possui qualidade. Ela adquire qualidade no momento em que o ser pensa. Como não há ninguém que consiga impedir a si mesmo de pensar, por um segundo sequer, é de se imaginar o mundo em que vivemos.

O Espírito, o pensamento e os fluidos formam uma tríade formidável, que explica a própria vida. Além de movimentar energia, o pensamento têm o poder de atrair as personalidades que estejam sintonizadas na mesma faixa. Essas personalidades, que também pensam e constroem seu mundo íntimo, trazem para junto dos homens os fluidos inerentes ao seu pensamento. É possível surgir daí um relacionamento de amplas consequências. Bom ou perverso, conforme seja a qualidade do pensamento. Assim, quando Kardec diz que os Espíritos se relacionam com os homens intensamente, deve-se entender que dessa relação surgem consequências. A qualidade dessas consequências será inerente à qualidade das personalidades que estejam se relacionando. Como o pensamento é a base dessa relação, o afastamento de um Espírito da convivência com o encarnado depende da vontade de um ou de outro, e para que esta separação se dê toma-se preciso um corte no pensamento, uma mudança de rumos, a fim de eliminar a sintonia. Popularmente, se diz:

"dize-me com quem andas e eu te direi quem és". No Espiritismo: "dize-me o que pensas e eu te direi com quem andas".

Tudo isto precisa ser ensinado por meios claros e práticos no centro espírita, a fim de que as pessoas saibam que mesmo que desejasse promover milagres o Espiritismo não o poderia, porque a vida está baseada em leis imutáveis. O centro não pode garantir a ninguém uma vida futura feliz porque não tem poderes para isso. É aí que entra André Luiz e diz: o homem não é fantoche do destino, mas construtor dele. Só o homem pode construir para si aquele futuro. Para isso, ele depende da revolução a ser promovida dentro e fora de si. Não lhe basta dizer: eu sou espírita, creio na reencarnação, na presença dos Espíritos, na imortalidade da alma, etc.. Nada disso tem valor se a revolução não se processa.

O homem está onde o seu pensamento está. Há indivíduos que buscam o centro espírita para, através do passe, superar seus males e, muitas vezes, a melhoria é apenas paliativa, porque a causa dos males às vezes está na relação que ele estabeleceu com a personalidade espiritual inferior. O passe pode afastar apenas provisoriamente - e muitas vezes nem isso - aquela companhia, mas não pode impedir que ela retome, porque aí funciona a lei da afinidade.

O centro espírita precisa ensinar ao homem a conhecer-se e a conhecer todos estes fatos, a fim de criar nele o senso de responsabilidade para consigo e para com a sociedade. Sendo o Espiritismo um chamado viril, como afirma Herculano, não é possível que o centro espírita e seus dirigentes não percebam que o seu ambiente precisa estar preparado para que isto se realize. É preciso romper definitivamente com o passado, em todos os sentidos: no plano individual, para que ninguém permaneça estagnado e nem venha a fazer do centro espírita umá nova igreja; no plano coletivo, para que a sociedade possa caminhar para a justiça social e a igualdade de direitos, não como tendem os teóricos do materialismo nem os religiosos sem perspectivas, mas como o prega o Espiritismo, em toda sua amplitude.

## *As manifestações artísticas e os aplausos*

Com base no argumento de que os aplausos dispersam as boas vibrações, os frequentadores de um centro espírita de Jundiaí, Estado de São Paulo guardavam absoluto silêncio após as apresentações artísticas que ali se realizavam, precedendo as palestras ou no curso de comemorações especiais. De nada adiantava o empolgamento de algumas apresentações, nem o clima de intensa sensibilidade que muitas delas criava. Não importava se quem se apresentava era um artista isolado ou um grupo. Também não causava nenhuma preocupação o conceito do artista, sua técnica, seus conhecimentos. Quem quer

que ali se apresentasse estaria fadado a não ouvir aplausos após o encerramento de cada número. Quando lá estivemos, pela primeira vez, pudemos observar o constrangimento de um afinado Coral, após o encerramento dos três números musicais programados.

Em outras três ocasiões, pude observar idêntico fenômeno em centros espíritas. Num deles, o dirigente justificou-se dizendo que apenas seguia uma orientação de André Luiz, contida no livro "Conduta Espírita". Realmente, lá está escrito: "Evitar aplausos e manifestações outras, as quais, apesar de interpretarem manifestações sinceras, por vezes geram desentendimentos e desequilíbrios vários. O silêncio favorece a ordem".

Alguns dirigentes espíritas, sabedores de que os aplausos têm um significado importante para os artistas, substituíram-nos por sinais curiosos: os frequentadores levantam as mãos e ficam movimentando-as no ar como se estivessem mexendo chocalhos. Neste caso, a emenda ficou pior do que o soneto...

Tal não é, porém, o caso narrado por Divaldo Pereira Franco, segundo o qual, na época salazarista de Portugal os frequentadores manifestavam seu contentamento erguendo o braço direito em sentido oblíquo, com a mão espalmada para baixo, como o fazem os maçons quando querem agradecer um elogio recebido. Neste caso, é preciso saber que as reuniões espíritas em Portugal, naquela época, eram proibidas e, como os cristãos nas catacumbas, os interessados se reuniam em locais ignorados e em silêncio total, a fim de não denunciarem a sua presença.

O texto acima, de André Luiz, precisa ser interpretado convenientemente, caso contrário dará ensejo a equívocos como tantos outros textos doutrinários. Não é novidade para ninguém que diversos excessos foram cometidos em nome da Bíblia, por criaturas que interpretaram literalmente seus textos. Certa vez, um detento da Penitenciária do Estado de São Paulo cegou-se a si próprio com o argumento de que os Evangelhos mandavam estirpar os olhos se eles fossem causa de escândalo e tropeço. Como ele - detento - estava cansado de cometer crimes, imaginou que os seus olhos eram a causa de seus erros...

Nenhum espírita esclarecido vai imaginar que, pelo simples fato de a afirmação ter sido feita por André Luiz, deverá ser seguida a risca, sem maiores raciocínios. Quem assim pensa pode estar deslumbrado com os Espíritos e precisando conhecer melhor a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Aliás, há pessoas equivocadas doutrinariamente que só conhecem Emmanuel e André Luiz e jamais se dão ao trabalho de estudar Kardec, numa inversão de valores altamente prejudicial.

Em primeiro lugar, não está claro no texto de André Luiz quando nem onde o aplauso deve ser evitado. É certo que ele fala do comportamento do indivíduo no centro espírita, enfocando a necessidade de pontualidade, educação, humildade etc., mas não dá com precisão o caráter da reunião na qual o aplauso é prejudicial. Isso parece proposital porque cabe ao dirigente espírita a tarefa de ler e interpretar corretamente, de modo a poder colocar em prática o ensinamento. Embora o texto esteja inserido numa página que tem

por título O TEMPLO, dá margem a muitas interpretações, já que o centro espírita desenvolve inúmeras atividades, vários tipos de reuniões e não está esclarecido se o aplauso deve ser evitado apenas em algumas delas ou se em todas as ocasiões.

Generalizar a questão parece-nos um tanto imprudente. Não seria correto afirmar que o aplauso é prejudicial em toda e qualquer situação. Nalguns tipos de reuniões ele, com certeza, não terá lugar. Por exemplo, nas sessões mediúnicas e nas atividades assistenciais o aplauso causaria não só uma perturbação local como traria prejuízos aos próprios participantes. Imaginemos um médium sendo aplaudido após uma bela comunicação do Espírito. Seria absurdo. Da mesma forma, não podemos imaginar que o indivíduo que está aplicando um passe receba como prêmio um efusivo aplauso. Isso também não tem cabimento. Além do mais, o ambiente em que tais sessões acontecem recebe um tratamento tal que qualquer pensamento intempestivo ou atitude mais barulhenta poderá provocar um desequilíbrio de consequências imprevisíveis.

As reuniões que exigem concentração precisam não apenas de silêncio, mas também de harmonia de pensamentos, a fim de que haja condições psico-espírituais para a consecução de seus objetivos. Se pudéssemos estabelecer uma comparação, diríamos que a desarmonia de pensamentos, que não pode ser localizada a olhos nus senão pelos Espíritos, provoca mais perturbação do que um eventual e desaconselhável aplauso. Dizemos isto apenas a título de comparação, embora ela possa parecer absurda, porque há criaturas cujo raciocínio não consegue alcançar essas coisas. São pessoas mais propícias a aceitar qualquer conselho vindo do mundo espiritual, independentemente das incoerências que possam vir junto a esses conselhos.

Parece claro que nas aludidas reuniões seria terrível estultice proceder por aplausos. O mesmo já não acontece quando se trata de reuniões públicas, principalmente quando essas reuniões são enriquecidas com atrações artísticas. Os elementos importantes de uma reunião mediúnica não comparecem nas reuniões públicas, ou seja, não se exige concentração e silêncio absoluto, caso contrário ninguém iria sequer relacionar nelas qualquer atração artística. Como tais reuniões são realizadas de portas abertas e o público que comparece aí se apresenta com toda a naturalidade, uma atração artística acaba se constituindo em motivo a mais para a presença das pessoas, além da sua consequente colaboração para tornar o ambiente ainda mais agradável.

Quem já estudou o capítulo sobre os fluidos, do livro "A Gênese", de Allan Kardec, compreende muito bem que eles são movimentados pelo pensamento das pessoas presentes no ambiente, de tal modo que, dependendo do interesse e do equilíbrio desses pensamentos, o ambiente se torna harmonioso e agradável. Não há nenhuma alusão ao fato de que o aplauso possa provocar a dispersão dos fluidos e trazer prejuízos ao ambiente. Afora as reuniões especiais que vimos atrás, onde a concentração e o silêncio são indispensáveis, os aplausos, quando bem colocados, podem expressar a alegria dos presentes e concorrer para

maior elevação do ambiente, afinal de contas ele é uma forma consagrada de manifestação da satisfação pública.

Em lugar, pois, de estar preocupado com questões desta natureza, os dirigentes espíritas têm necessidade premente de usarem do bom senso de que cada pessoa é essencialmente bem nutrida, segundo Descartes. Veja-se, por exemplo, o lado do artista. Ele, que está acostumado a se apresentar de público e colher a satisfação através dos aplausos que recebe, de que forma vai receber a infantil explicação de que no Espiritismo os aplausos são proibidos porque atrapalham a harmonia do ambiente? Mais do que isto, coloquemo-nos em seu lugar quando, ao final da apresentação, um profundo silêncio é-lhe endereçado como paga de seu desempenho. De que forma ele recebe isto, quando o normal para ele seria saber da satisfação dos presentes pela via do aplauso? Terá ele certeza de que o seu desempenho agradou? Ou levará consigo a terrível dúvida? Quem sabe não sairá dali imaginando que o desgosto foi geral. Não há manifestação de dirigente, por mais que se esforce na explicação do fato, que consiga tranquilizar o artista colaborador.

O movimento espírita brasileiro vai, aos poucos, se abrindo para as artes em geral, descobrindo nelas uma possibilidade muito grande de divulgação doutrinária. A música, a pintura, a escultura e tantas outras manifestações da arte viva parecem ganhar cada vez mais espaço nos centros espíritas. A par disso, o mundo espiritual demonstra seu interesse pelas artes, porque consegue através delas atrair criaturas para os conhecimentos espirituais. É claro que estamos fazendo aqui uma generalização, mas esta tem o intuito de deixar patente que o nosso comportamento perante as artes não pode ser um comportamento mesquinho, de quem nega o aplauso com a infantil afirmação de que deseja manter os fluidos bons no ambiente.

Vê-se crescer nos meios espíritas promoções como a de concursos de música, exposições de pintura e outras, onde a presença dos encarnados e dos desencarnados se mistura, tanto na autoria das obras quanto na participação e produção das mesmas. Autores consagrados buscam escrever textos teatrais com a temática espírita, tendo em vista não apenas o aspecto da divulgação doutrinária, mas, acima de tudo, a possibilidade de retratar a vida em toda a sua extensão, alcançando com isto corações sofredores e mentes dispostas a se aprofundar nos mistérios que ainda rondam a maioria das pessoas.

O aplauso é, por tradição, a forma de expressão mais conhecida do contentamento humano diante de uma manifestação artística. Alguém disse-nos, certa vez, que se indivíduo tem o direito de aplaudir, tem, também, o de vaiar e que, portanto, no centro espírita a democracia permitia tanto um quanto outro. Aí, porém, vai um exagero muito grande. Embora a vaia seja uma espécie de antônimo do aplauso, não significa que no centro espírita a pessoa deva utilizá-la. A vaia é o contrário do aplauso elevada a uma potência grande, uma vez que ela, sim, traz em si um fator desagradador muito forte, capaz de provocar prejuízos ao ambiente. Em lugar dela, pode-se utilizar o silêncio como

manifestação do não agrado por uma apresentação artística, caso seja este o sentimento do indivíduo.

Assim como negamos as vaias, também não concordamos com o aplauso exagerado, como os que ocorrem nos teatros, que beiram as raias da bagunça, pois são acompanhados de assovios e gemidos histéricos. Claro, quando nos referimos ao aplauso no centro espírita estamos pensando naquele aplauso educado, vigoroso quando necessário, mas que não fuja das nor- 32

mas naturais de manifestação da alegria, do sentimento de satisfação. Veja-se que este tipo de manifestação está dentro daquilo que prescreve o Espiritismo, ou seja, trata-se de uma atitude equilibrada.

Embora o conteúdo seja mais importante, a forma não deve ser desprezada, disse certa vez o Codificador e o confirma o bom senso. Mesmo quando os aplausos são dirigidos a um orador, não se deve ver nisto nenhum exagero ou atitude a ser coibida, como ocorre em certos centros espíritas. Há quem diga que ao aplaudirmos um orador estamos fornecendo a ele elementos de orgulho e contribuindo para aumentar a sua vaidade. Este argumento é tão ridículo quanto o anterior, da dispersão dos fluidos. O orador espírita que não se prepara intimamente para vencer os desafios está, no mínimo, diante de um abismo no qual poderá rolar. Ocorre que ele será testado incessantemente com relação às virtudes e defeitos, independentemente de vir a ser aplaudido aqui ou ali. Se uma simples manifestação de satisfação for capaz de levá-lo ao orgulho, melhor será que ele desista antes que um sofrimento maior o venha alcançar mais à frente.

Disse-nos, certa vez, um Espírito que de forma nenhuma os espinhos, as dificuldades nos seriam retiradas do caminho, a despeito de sermos trabalhadores da doutrina. Enfatizou ele que os espinhos, que nos dilaceram o coração, são necessários para o nosso aperfeiçoamento individual. A par disso, era preciso que trabalhássemos, com o melhor dos nossos esforços, porque o trabalho constituía o cumprimento de um compromisso estabelecido antes da nossa reencarnação. Aí está uma verdade insofismável. O orador espírita, como trabalhador, é um indivíduo que desempenha uma tarefa livremente assumida, enquanto que as pro-vações que enfrenta em sua vida servem de elementos aperfeiçoadores do seu progresso individual. Dentro dessa consciência, ele saberá que os aplausos são simples manifestação de agrado pela exposição feita e não passa disso. Não terão, portanto, razão para os levar ao orgulho.

Sobre a afirmação de que os aplausos dispersam as boas vibrações, diremos que isso não passa de tolice. Vibrações não são como o ar, que se movimentam com as mãos. São energia que somente o pensamento é capaz de movimentar e qualificar. É isso mesmo o que diz o Codificador. O pensamento movimenta a energia e transfere-lhe qualidades, porque a energia em si não tem qualidade própria. Sob a ação do pensamento, essa energia adquire valor. Num ambiente em que as pessoas se reúnem para uma ação positiva, a energia ou

“vibração” tenderá a ser agradável e benéfica. Não serão, pois, os aplausos que irão dispersá-la e com isto trazer prejuízos para os presentes. Pelo contrário, a manifestação de satisfação que acompanha os aplausos, diz o bom senso, propiciará o aumento da quantidade de energia positiva do ambiente, fortalecendo-o. Como se vê, dá-se o contrário daquilo que certos dirigentes pensam.

Deve-se acrescentar um outro dado interessante. Nos centros espíritas onde as coisas correm naturalmente, sem preocupações de coibir questões como essa, o público frequentador aparenta mais conhecimento e maior disposição para as tarefas. Nos centros onde tudo é motivo para proibição, onde alguns dirigentes se fazem antes de tudo vigilantes do comportamento alheio e se esquecem de realizar as tarefas mais necessárias, o público frequentador não só demonstra ser mais acomodado como também transpira a opressão.

Lembro-me, perfeitamente, de que em uma dessas cidades do interior paulista, logo após nos ser dada a palavra para a exposição, indignado com o comportamento silencioso dos presentes ante uma belíssima apresentação de um Coral, concitei-os a aplaudi-lo, caso desejassem. As cerca de cinquenta pessoas presentes, como que libertas de invisíveis amarras, manifestaram-se em demorado aplauso. É verdade, também, que nunca mais fui convidado para voltar àquele centro, porém, ficou a experiência de que certas proibições são resultado do excesso de zelo de alguns dirigentes, nada tendo a ver com os princípios doutrinários, propriamente.

## O presidente perpétuo e as questões político-partidárias

Certa noite, nosso grupo dirigiu-se para um centro espírita situado no Bairro do Cangaíba, zona Leste da capital paulista, onde deveríamos apresentar e discutir um tema dito evangélico. Éramos três: a Maria José Tavares, a Maria Conceição e eu. A porta, fomos recebidos pelo presidente da casa, que de imediato nos causou a primeira surpresa: segundo ele era proibido mulheres entrarem no centro usando calça comprida. Dessa forma, a Maria José não poderia participar do trabalho, a menos que aceitasse usar uma saia, que lhe seria oferecida. Um tanto constrangida pelo ineditismo do fato, a Maria José aquiesceu e dessa forma pudemos apresentar o tema sem maiores problemas.

\*\*\*

A direção de um centro espírita é um ato da responsabilidade dos diretores eleitos. Segundo soubemos mais tarde, o referido centro fora fundado quarenta anos atrás pelo mesmo senhor que nos recebera à porta. Ele era não apenas o principal diretor da casa, mas seu presidente perpétuo. Tinha, portanto, o poder total nas mãos. Segundo ele, o fato de mulheres usarem calça comprida – pasmem, vivíamos o ano de **1974** – era um ato atentatório ao pudor, por exercer sobre os homens uma atração sexual capaz de levar para

o ambiente uma perturbação de natureza espiritual.

Este acontecimento apresenta para nosso estudo dois pontos importantes: a visão moralista e preconceituosa do dirigente e a perpetuidade do cargo de presidente. Ambos passíveis de discussão, uma vez que o Espiritismo é uma doutrina de consequências morais mas não é moralista nem estimuladora do preconceito. De outro lado, porque o bom senso indica que as sociedades espíritas devem ser dirigidas por criaturas eleitas em assembléias periódicas, jamais por pessoas que se dão a si mesmo a incumbência de o fazer perpetua-mente.

Vejamos o primeiro aspecto.

Muitas criaturas não percebem a verdadeira relação do Espiritismo como o Cristianismo (não confundir com Catolicismo, que é outra coisa). Por isso, exageram nas práticas doutrinárias e mesclam as atividades espíritas de elementos completamente distoantes. O quadro na parede, a vela de cera, as estátuas de santos, a oração decorada, dita e acompanhada em voz alta, as cerimônias ritualísticas, os atos de contrição, o temor da espiritualidade, tudo isto é coisa originária de uma mesma raiz e representativa de uma mesma situação: quando praticados nos centros espíritas representam a falta de conhecimento doutrinário em seus aspectos mais elementares.

Ora, da mesma forma que um indivíduo mal informado da Doutrina Espírita leva para o centro elementos materiais que nada têm a ver com ele, leva, também, elementos morais: a prática doutrinária é submetida à sua forma de ser e entender as coisas e daí surgem desvios em todos os sentidos.

Esta é, pois, uma questão cultural. Pessoas oriundas das doutrinas protestantes não levarão, com certeza, os quadros e estátuas de santos, mas poderão carregar para o centro a sua forma extremada de zelo com os textos evangélicos, acabando por dar ênfase a eles. Já o católico terá menos zelo com os textos evangélicos e mais apego às coisas que ferem os sentidos. Tudo isto é dito em tese, ou seja, estamos falando do indivíduo que adentra ao Espiritismo mas não se aprofunda no conhecimento de seus postulados, mantendo-se na periferia da Codificação.

Mesmo quando a pessoa se esforça por conhecer o Espiritismo, não só para deter consigo o conhecimento mas também para realizar transformações interiores, as influências trazidas do outras doutrinas não são de todo eliminadas. Chama-se a isso de ranço religioso. Ocorre neste caso que tendo o indivíduo consciência disto, ele consegue impedir na maioria das vezes que aquelas influências se misturem com as práticas espíritas.

De outro modo ocorrerá com a pessoa que não tem conhecimento doutrinário suficiente. Esta fará das influências que traz consigo rima mescla com os novos conhecimentos e acabará por aplicá-los no centro espírita. Um exemplo curioso desta mescla pode ser visto nas declarações de uma autoridade policial pouco depois de ter sido libertada do cativoiro, onde estivera sequestrada. Disse ela que sendo espírita, tinha certeza de que o seu amigo

morto estava ao seu lado e compreendia o móvel de suas ações. Imediatamente após, afirmou que havia feito uma promessa durante o cativeiro mas que, após ser solto consultou nrn padre para saber se poderia desfazer a promessa, ao que foi atendido. Percebe-se claramente que o indivíduo não detinha ainda os conhecimentos espíritas em profundidade, mas apenas os periféricos.

A pessoa de pouco conhecimento e sem noção do que isto pode representar em termos de prática espírita, poderá imaginar que adotar certas coisas não terá importância alguma. Veja, leitor, este outro exemplo: estando eu fazendo uma palestra em determinado centro espírita do Bairro da Móoca, em São Paulo, fui interrogado pela diretora da casa sobre o mal que poderia haver para os frequentadores a colocação de quadros de santos na parede. Naquele exato momentp, percebi que havia numa das paredes um enorme São Jorge, iluminado por uma suave luz vermelha. E, talvez, para me intimidar, não sei, a senhora acrescentou: “semana passada estive aqui Fulano de Tal (referia-se a um líder espírita de grande conceito) que lhe disse que para ele esses-quadros nada representavam”. E mais, ela se justificou dizendo que muitas pessoas que frequentavam o seu centro eram de outras religiões, principalmente católicas e que, para não desagradá-las, mantinha alguns quadros de santos nas paredes. \*

Veja como a questão é curiosa: uma das principais funções da Doutrina Espírita é a de promover a renovação das criaturas, renovação essa em todos os sentidos, inclusive, quanto à prática religiosa. Pois esta função fica totalhmente prejudicada quando o diretor de um centro espírita entende que deve fazer concessões aos seus frequentadores e permitir que certas práticas religiosas venham conviver com a prática espírita, ela mesma totalmente despida de qualquer aparato exterior.

Ora, há dirigentes que vão ainda mais longe e promovem cerimônias como a de casamento no centro espírita, alguns com requintes tais que chegam a fazer inveja a muitos párocos. O extremo do absurdo aconteceu-me certa vez em Mairiporã, cidade próxima à capital paulista. Chamado a fazer uma palestra sobre o casamento e o Espiritismo, não sem intenso constrangimento participei de uma cerimônia de “Bodas de Prata” de um casal, em pleno centro espírita, com direito a música, entrega das alianças, tapete especial, entrada triunfal do casal e toda uma série de ornamentações no salão. Saiba o leitor que este não era um caso de dirigentes mal informados da doutrina, mas sim de dirigentes que não conseguiram subtrair-se às influências do passado, que estavam ainda muito fortes dentro deles.

De repente, não lhes passou pela cabeça que aquilo tivesse qualquer problema. Pelo contrário, imaginavam que, ao permitir aquela cerimônia estariam reforçando os laços que unia o centro espírita ao casal. O futuro, com certeza, deve ter provado o contrário.

O caso do dirigente anterior é um fato de ordem moral. Ao mesmo tempo em que ele proibia com rigor a entrada de mulheres vestidas com calças compridas também exigia que

os homens se sentassem separados das mulheres, cada um em sua ala, bem ao estilo das escolas antigas. Em pleno final de século XX, isso parecia no mínimo muito estranho aos que lá compareciam pela primeira vez. Não há dúvida de que uma coisa era o que se passava fora das quatro paredes do centro, outra o que lá dentro acontecia. Essa distonia entre o centro e o social é profundamente danosa. Lá não se via jovens, senão senhores e senhoras em seus semblantes de contrição. Anos seguidos lá estivemos e nenhuma mudança. Só muito mais tarde isto aconteceu.

„ O rigor do dirigente servia para reduzir a moral ao sexo, enquanto que para a Doutrina Espírita a moral tem uma amplitude e uma profundidade muito maior. Passando aquela noção para os frequentadores, ele contribuía para criar do Espiritismo uma visão limitada, restrita a uma condição que era dele, dirigente, alheio ao andamento de processo social. Uma vez aceito isso, o frequentador passa a acreditar que tudo quanto é preciso fazer para ter uma boa vida após a morte está feito. E fica a esperar pela morte.

O segundo ponto a analisar - o do poder do dirigente - é uma questão de bom senso. Tendo fundado o centro e atribuído a si mesmo a presidência perpétua, poderia estar agindo com as melhores intenções, até mesmo no sentido de se preservar do aparecimento de algum aventureiro que pudesse se apropriar de um trabalho que ele talvez quisesse levar muito mais longe. Até aí, nada a criticar. No entanto, o tempo passou e não houve avanço. Anos depois, era de se esperar que ele se preocupasse com a renovação, estimulando o aparecimento de novas mentalidades, a fim de que não só a distribuição de responsabilidades se fizesse presente como também houvesse oportunidade de outros indivíduos exercitarem os conhecimentos doutrinários.

Os vários casos encontrados de centros espíritas cuja diretoria tinha a figura do presidente perpétuo, em sua maioria absoluta, demonstrou a fragilidade da experiência. O dirigente perpétuo encarna, via de regra, a figura do missionário, somente que despido da visão de futuro. As casas dirigidas por esse tipo de pessoa têm se mostrado envelhecidas na parte material e na parte espiritual, isto é, a mentalidade imperante foge à realidade social, como no caso em foco, além de mostrarem a falta de vida em sua dinâmica cativante.

Há casos em que, verdadeiramente, o dito presidente perpétuo se mostrou sensível às reivindicações de elementos estranhos ao quadro do centro e com isso possibilitou a renovação e conseqüente dinamização do centro. Outros casos só tiveram solução depois de muitas discussões, em que a intervenção de figuras respeitadas da liderança espírita conseguiu solucionar, mas inúmeras outras experiências demonstraram que o presidente perpétuo é uma figura não só contrária à lei civil que regula as instituições civis sem fins lucrativos, entre as quais se incluem os centros espíritas, como ao bom desenvolvimento das atividades das instituições. Tudo isso sem contar aqueles que se fazem dirigentes perpétuos para também perpetuar seus interesses pessoais de usufruir das benesses que a capa de uma

instituição beneficente proporciona. Estes são casos totalmente condenáveis que, em existindo no movimento espírita, precisam ser denunciados publicamente.

Seria enfadonho ficar aqui enumerando as desvantagens da direção centralizada de modo definitivo sobre uma pessoa. Resta, porém, reafirmar que as instituições espíritas que seguem o modelo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, inclusive, nesta questão diretiva, alcançam melhores resultados.

\* iê \*

Por similaridade, poderíamos acrescentar o seguinte caso ao presente estudo. Ei-lo:

Após realizar palestra em um centro espírita na cidade de Taubaté, fomos procurado por alguns jovens, desejosos de que opinássemos sobre o fato de haverem sido barrados à porta do centro por estarem portando botons de partido político na camisa. Estávamos às vésperas das eleições de **1989**. A proibição da entrada dos jovens os havia revoltado, pois, afinal - diziam eles - não tinham a menor intenção de perturbar o ambiente, nem de provocarem discussões políticas, segundo alegaram os dirigentes que promoveram aquele ato.

O excesso de zelo, quando não o verdadeiro desconhecimento doutrinário, está entre os problemas mais comuns registrados nos centros espíritas. Muitas vezes, esse excesso é cometido despercebidamente pelo dirigente, enquanto que em outras ocasiões o poder autoritário é praticado com conhecimento de causa, ora por criaturas que se imaginam missionárias ora por pessoas despreparadas para o poder. O dito dirigente estabelece uma espécie de feudo e passa a ditar as normas ali, obrigando aos frequentadores a seguirem suas orientações, sob pena de virem a sofrer sanções espirituais por ele determinadas. Essas supostas penalidades funcionam como verdadeiras ameaças contra os pobres coitados, que não possuem conhecimentos espíritas suficientes para saber em que buraco estão caindo.

A experiência demonstra que muitos dirigentes que praticam o excesso de zelo o fazem verdadeiramente por ignorância, tanto que, alertados, modificam seu comportamento, dado que só desejam o bem da Doutrina. Esse tipo de dirigente é mais fácil de ser abordado. O que ele faz, faz com sinceridade, despido de qualquer outro interesse pessoal. Muitas vezes ele não percebe a extensão do seu ato e como não pretende prejudicar a ninguém, sente-se imensamente triste quando percebe que levou a mágoa ou deixou de realizar algo como deveria.

A Doutrina Espírita, dentro da sua aparente simplicidade, exige tanto de conhecimento quanto de bom senso para ser praticada nos centros espíritas. A princípio, é natural que os dirigentes novatos tenham dificuldades na condução das atividades. O tempo se encarrega de oferecer-lhes a necessária experiência para agirem com segurança. Mas isto só acontece, verdadeiramente, quando o indivíduo se aplica nos estudos e exercita o seu bom senso em tudo o que faz. Nessa época da vida, o erro é comum e é ele, muitas vezes, que ensina como

fazer corretamente. Havendo por parte do dirigente vontade de acertar e humildade bastante para vencer as falhas, com certeza tudo se conserta.

Quando, porém, o indivíduo não se inclui entre estes, ou seja, se o dirigente é do tipo missionário, que se imagina mais capaz e perfeito do que aqueles a quem conduz, aí fica muito difícil modificar as coisas. E pior ainda é quando ele usa o escudo da idade como documento capaz de lhe garantir o saber, através do qual exige respeito e obediência. Por isso, ouve-se afirmativas do tipo “tenho 40 anos de Espiritismo” ou coisa parecida, como se a idade fosse passaporte para a evolução. A razão espírita é tão clara a esse respeito que bastaria o argumento da reencarnação para demonstrar para esses indivíduos que à frente deles pode estar uma simples criança que acaba de nascer.

## Outro caso (muito grave) de política

Já que abordei um caso acontecido com alguns jovens, envolvendo política partidária e centro espírita, relaciono aqui outro. Esse eu não vivi, mas me foi contado pelo escritor Jorge Rizzini, que dele participou sem no entanto ter nenhuma responsabilidade no fato. Ele envolve personagens de grande presença no movimento espírita, de modo que vou omitir os nomes para evitar constrangimentos.

Às vésperas das eleições, Jorge Rizzini foi convidado a fazer uma palestra em certo centro espírita localizado na Zona Leste da Capital paulista. Lá chegando, notou alguns procedimentos estranhos. Havia tanta gente no local, que não cabia no salão do centro. Os dirigentes providenciaram a colocação de alto-falantes do lado de fora do prédio, a fim de que ninguém saísse prejudicado. Rizzini confessa que a princípio pensou que sua fama era realmente grande, mas tão logo entrou no salão descobriu as razões de tanta gente. Ladeando a mesa de trabalhos, lá estavam colocadas as bandeiras do Estado de São Paulo e do Brasil. Aguardavam o orador, que iria falar sobre as operações espirituais do médium José Arigó, dois conhecidos espíritas, candidatos respectivamente a deputado federal e estadual.

A execução do Hino Nacional deu início à reunião e, em seguida, a palavra foi passada a Rizzini que, sem meios-termos, condenou aquela festa política, retirando-se do ambiente sem apresentar a palestra. "Afinal - dizia - não estava ali para ser conivente com uma promoção política fantasiada de reunião doutrinária espírita".

A questão aí está muito clara. O centro espírita virou, indevidamente, palanque político, demonstrando que tanto os dirigentes da instituição quanto os candidatos não pensavam em questões de escrúpulos. A esse respeito, já expusemos o nosso pensamento em diversas ocasiões, ressaltando sempre que o espírita é um ser político, mas a casa espírita é - sempre

- apolítica. Eis o que publicamos, a respeito, no jornal ‘ ‘Dirigente Espírita’’, editado pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo’, em seu número de setembro/outubro de 1990:

“É, pois, necessária a união da inteligência e da moralidade para haver legítima preponderância, a que a massa se submeterá, confiada em suas luzes. Esta será a última aristocracia, sinal do advento do reino do bem na terra”. Esta previsão é de Allan Kardec e está contida em obras póstumas. Mesmo mais de um século depois de ter sido feita, pode-se notar que a oportunidade do brasileiro ser dirigido por uma aristocracia intelecto-moral, resultado da união da inteligência com a moralidade, como o quis o Codificador, está ainda bastante distante. Desejar estar sob a direção de homens inteligentes e moralizados é ainda um sonho em nossos dias.

No entanto, as eleições estão aí. A cada dois anos, os cidadãos deste País se encontram diante da oportunidade de renovar, manter, modificar, fortalecer ou excluir políticos. E o que tem a ver o espírita com isso? E a casa espírita, como se porta nestes instantes graves? Ambos, diríamos, com naturalidade e participação, guardados os limites de cada um.

Para que serve o cidadão espírita, se não for para participar ativamente da sociedade e ajudar a transformá-la para melhor? Ora, o Espiritismo não cria parasitas, homens inertes, para que se portem alheios ao que se passa em seu redor. Pelo contrário, a Doutrina Espírita os quer participativos, integrados ao meio, agentes do bem social. Assim sendo, sua ação neste momento em que o povo deve ir às urnas é tão necessária quanto a de qualquer outro cidadão.

O que se espera de um cidadão espírita é um comportamento diferenciado, onde prepondere a inteligência e a moral, seja ele um cidadão comum seja um candidato a cargo público. No momento do voto, pela inteligência saberá discernir entre os enganadores e interesseiros e os políticos sérios, bem intencionados e corajosos o bastante para por em prática seus projetos. Se candidato, seu comportamento será o de um homem que conhece os seus limites, que não faz promessas vãs, impossíveis. E mais: conhecendo a realidade social e não tendo interesses outros que não sejam trabalhar para o povo, se coloca à disposição para ocupar os cargos a que se candidata.

A presença da casa espírita neste contexto é, de certa forma, um pouco diferente. Os seus horizontes lhe indicam que deve participar, de um lado, e ter cautela, de outro. Participar através da orientação clara, segura, aos seus frequentadores, de modo a oferecer-lhes condições de raciocinar sobre as questões políticas e poder decidir. Não se trata de mandar votar neste ou naquele, isto é óbvio, mas de ensinar a usar a razão para votar bem e certo, de acordo com a consciência.

A cautela advem de determinados perigos. E dois deles se apresentam como os mais próximos: o uso da casa espírita como palanque político e o engajamento político-partidário. Ambos inadmissíveis. Mas que não se confundam as coisas. Cautela não é

proibição pura e simples da abordagem de assuntos políticos, mesmo porque quando a proibição impera, impera também a irresponsabilidade, a fuga do compromisso de orientar e bem o frequentador. Cautela é uma ação equilibrada que impede o estabelecimento de compromissos inconvenientes.

Muitos políticos e até falsos espíritas vão atrás das casas espíritas para obter seu apoio, muitas vezes em troca de favores, com a promessa de conseguir coisas como terrenos, prédios públicos e outros. A única coisa que exigem é que a casa lhes abra as portas para que eles exponham aos frequentadores o seu pensamento. Em primeiro lugar, ninguém pode garantir o cumprimento dessas promessas de campanha; em segundo lugar, tal atitude é totalmente imoral. Dar guarida a este tipo de candidato é contribuir para a manutenção do “status quo”, da política de interesses particulares, em detrimento da vinda da aristocracia intelecto-moral preconizada por Kardec.

Por outro lado, há que separar a participação de certos dirigentes que, tendo em vista sua presença, muito justa, em determinados partidos políticos, muitas vezes confundem as coisas e querem transformar o seu centro espírita numa extensão do partido. Nem uma coisa nem outra pode acontecer, ou seja, nem o partido político pode ser transformado em centro espírita nem o centro em partido. Cada um tem sua função.

Cada cidadão espírita tem o direito de agir socialmente da forma como lhe convier e de se filiar ao partido de seu interesse. Caso queira - e isto é até aconselhável quando possui vocação - pode-se candidatar aos cargos públicos. Mesmo porque, se souber se comportar como ensina o Espiritismo, muito terá para ajudar a melhorar as nossas instituições políticas. Só não pode e não deve é usar o movimento espírita para alcançar objetivos políticos.

A ação política séria não acena com favores. Em sã consciência, ninguém vota em determinado político na esperança de obter dele favores pessoais. Este tipo de política só interessa aos grupos dominantes, que não se importam com as condições miseráveis em que vive o nosso povo. Expressa, quando acontece, o egoísmo particular. É condenável a nível de pensamento espírita.

A união de casas espíritas com partidos políticos traz graves desvios. Em primeiro lugar, por levar para dentro da casa a discussão em tomo de interesses políticos, com a intenção de alguns de dominar o voto de outros. Isto gera a eliminação da liberdade de opção que cada pessoa possui. A tendência será da criação de um clima de confusão totalmente prejudicial aos desígnios maiores da casa.

Por isto mesmo, a casa espírita é apartidária. A política ali pode servir de estudo como tema amplo, geral, sem entrar no mérito dos interesses classistas, de grupos, como meio de forçar a que todos tenham visão única das coisas. Como a política faz parte da vida do cidadão e da sociedade, conseqüentemente, deve ser preocupação de tantos quantos se dedicam a criar a sociedade justa e de paz.

A questão, portanto, parece clara. Espiritismo e política partidária são coisas que não se misturam. Espiritismo e política, esta no seu sentido amplo, são temas que se tocam e influenciam. É bom pensar.

## Quadros, santos e outros equívocos

Passavam três minutos das oito horas da noite quando cheguei ao centro. Mais uma vez, o terrível trânsito da capital paulista me impediu de marcar a pontualidade, que dizem ser característica dos mineiros.

A prece inicial ia a meio caminho, de modo que pude apenas ouvir as palavras da jovem, pedindo a proteção dos bons Espíritos para a reunião. Casa simples, de apenas duas salas pequenas, situada nos fundos de uma residência. Eram ao todo cerca de trinta pessoas presentes. À mesa, a presidente, uma simpática senhora de seus sessenta anos, junto da qual fui acomodado. Imediatamente, passaram-me a palavra.

O tema mediunidade sempre foi alvo do interesse dos centros espíritas e, principalmente, das pessoas que os frequentam. Falei dos fenômenos, dos médiuns, da relação encarnados e desencarnados, das diferentes formas de mediunidade e, a certa altura, expliquei que os Espíritos devem ser tratados com o mesmo respeito com que se trata os encarnados, ou seja, não se deve colocar na cabeça deles a auréola de santo porque, para a Doutrina Espírita, eles são pessoas humanas como todos nós, pois a morte não transforma o caráter de ninguém.

Penso ter sido isso o que gerou a primeira dúvida em um dos presentes, pois assim que finalizei a exposição, ele me perguntou:

- O que o senhor tem a dizer sobre o uso de quadros de santos nos centros espíritas?

Busquei reunir as idéias de modo a responder claramente. Embora fácil, a resposta precisava ser dada com objetividade, pois, naquele instante percebi um quadro de São Jorge pendurado na parede, bem próximo de onde eu me encontrava.

- Pois bem - principiei - o estudo nos mostra que a Doutrina Espírita, no seu aspecto moral e por muitos conhecido como religioso, difere de toda e qualquer doutrina por não admitir formalidades, rituais, símbolos, preces decoradas e as demais formas de culto externo. Allan Kardec diz que a casa espírita deve ser simples e sóbria e que seus frequentadores não têm motivo para qualquer tipo de culto exterior. O Espiritismo, portanto, procura libertar as pessoas para uma visão da Espiritualidade em consonância com as leis naturais e para isso demonstra como se dá a vida após a morte do corpo físico, as diferentes posições do Espírito de acordo com sua evolução. Reconhece que há pessoas ainda necessitadas das práticas formalistas; o Espiritismo respeita essas pessoas mas não aprova o culto formal nos centros espíritas. A doutrina é um movimento reformador e renovador do conhecimento humano e se aceitasse aquilo que muitas religiões e cultos

aceitam e pregam estaria falindo em seus objetivos. Pode ser difícil para muitos de nós superar essa fase da adoração de imagens e símbolos, pode até parecer um sacrilégio, mas se desejamos ser espíritas precisamos fazer esse sacrifício. Por isso, o estudo da doutrina é de fundamental importância para nós, já que esse estudo vai plantar em nosso ser o conhecimento do novo, para substituir o velho.

Ao concluir esse raciocínio, o meu interlocutor replicou:

- Dias atrás esteve aqui o senhor Herculano Pires, que afirmou: “para mim estes quadros nada representam”.

Quis o meu interlocutor, com isto, concluir que não havia nenhum mal na existência do quadro de São Jorge montado em seu cavalo branco, pendurado ali na parede. Confesso que tive receio de ver a lança do velho guerreiro se voltar contra mim, mas ainda assim ponderei:

- De fato, o professor Herculano Pires tem razão. Foram sábias e honestas as suas palavras, porque ele, pessoalmente, não tem nenhum apego aos símbolos e, portanto, o quadro de um dito santo nada representa de especial para ele. Com toda certeza, ele gostaria que nada representasse, também, para todos os espíritas, pois assim todos compreenderiam a desnecessidade de pendurá-lo no centro espírita. Herculano pensa com a doutrina e como grande estudioso dela, que sempre foi, sabe que os símbolos não têm o valor que os cultos lhes atribuem. Se ele dissesse que a presença dos símbolos é importante, estaria, aí sim, avalizar» do o seu uso. Se um novo frequentador vem ao centro espírita e não encontra nada daquilo a que está acostumado, aprende desde cedo a viver segundo as leis naturais. No entanto, se ao chegar ele encontra as mesmas coisas de seu antigo culto, poderá até sentir-se bem, mas dificilmente saberá compreender a mensagem espírita. Tanto mais esteja preso a esses símbolos, mais ainda permanecerá necessitado deles. Assim, a mensagem espírita fracassa exatamente ali onde deveria vencer. A mensagem espírita visa, acima de tudo, promover uma revolução no ser humano e na sociedade. Ela, mais do que nunca, se destina a romper o passado e a aniquilar o homem velho de Paulo, colocando em seu lugar o homem novo.

Grande parte dos centros espíritas que conservam quadros e imagens de santos em seus recintos não possuem a noção exata de como o Espiritismo os interpreta. Em Guararema, interior de São Paulo, uma senhora muito simples construiu um galpão para melhor atender as pessoas que cada vez mais a procuravam, em razão dos bons resultados dos passes por ela aplicados. Logo se formou à sua volta um grupo de colaboradores espontâneos, praticantes dos mais diversos cultos. Um dia um deles trouxe de sua casa a imagem do seu santo de devoção, colocando-a sobre um dos móveis. Outro, para ajudar, trouxe uma toalha de linho branco, sobre a qual a imagem foi colocada. Em pouco tempo, o galpão ficou abarrotado de quadros e imagens. Não havia lugar para mais nada. A boa senhora a tudo permitia, dentro da sua completa ignorância das coisas doutrinárias, até

que um dia lá chegou um grupo de espíritas dispostos a ajudá-la. Foram estabelecidas determinadas disciplinas, eliminando-se todos aqueles aparatos sincréticos, à medida em que os frequentadores foram esclarecidos das razões das mudanças.

Não posso omitir o fato de ter havido muitas pessoas que não concordaram com as mudanças. Isto de fato aconteceu. Houve quem tentasse impedi-las e também aqueles que preferiram ir embora. O processo, porém, não se deteve e, aos poucos, de simples galpão o local se transformou em um verdadeiro centro espírita.

Algo semelhante aconteceu com uma casa espírita da Vila Conceição, bairro da capital paulista. Apenas que os resultados foram diferentes. Ali, um dirigente teimava em curar os obsediados “prendendo” os espíritos rebeldes em pequenas garrafas, que a seguir eram fechadas com rolhas de cortiça. Dizia ele que mais tarde libertaria os Espíritos, mas que era preciso primeiro que eles passassem por aquele castigo, para reduzirem o seu orgulho. Para este dirigente, o médium funcionava como “filtro”, acreditando ele que bastava o Espírito passar pelo corpo do médium para ficar puro, são e salvo! Havia, entretanto, Espíritos rebeldes, que não aceitavam este tipo de coisas. Para estes, a prisão – ou melhor, as garrafas.

A encenação era a marca registrada dos médiuns que militavam naquele centro. Um estribuchava num canto, outro dava urros e por aí a fora. Curiosamente, o centro vivia cheio de pessoas, impressionadas com tudo aquilo. Cheguei a contar várias dezenas de garrafas dispostas simetricamente nas prateleiras, todas elas contendo um rótulo com a data do atendimento e o nome do Espírito engarrafado.

O inesquecível Leon Denis afirma com maestria: “saber é o supremo bem e todos os males prevêm da ignorância”. O procedimento daquele centro – chamá-lo de centro espírita talvez seja uma heresia – e de seu dirigente maior, que afinal era um verdadeiro dono do local, reflete bem a falta de conhecimento da realidade espiritual. Ali não se estudava doutrina e, portanto, não se conhecia a natureza dos Espíritos e os mecanismos da mediunidade. Tudo se passava na mais pura ingenuidade. Não se podia nem julgá-los de mal intencionados, pois que nada era cobrado dos frequentadores. Os quadros de santos nas paredes – e os havia em quantidade – eram apenas um pequeno sinal de todo o equívoco que ali se cometia, em nome de uma doutrina que ninguém, absolutamente ninguém do centro conhecia.

Apesar do tempo gasto e dos esforços empregados na orientação dos dirigentes, nada se conseguiu de positivo em termos de modificação. Os anos se passaram. Não sei se os Espíritos lá permanecem, bolorentos, e se os seus dirigentes continuam na ilusão do passado. Lembro-me apenas de que, na última vez que lá estive para falar sobre mediunidade, o dirigente interrompeu-me após meia hora de palestra, dizendo: – “o moço fala bonito, mas quem manda aqui sou eu.

E o Espírito que não me obedece eu prendo” – e, a seguir, deu início à sua famosa sessão de

desobsessão...

\*\*\*

Há muitos anos, em Atibaia, interior de São Paulo, havia um centro onde os doutrinadores “prendiam” os Espíritos, que diziam ser de ex-escravos, com grossas correntes de ferro soldadas no chão. Po-dia-se ver as marcas das correntes na ocasião em que o conheci. Era uma forma, segundo diziam, de fazer com que aqueles Espíritos deixassem de perseguir seus antigos senhores. Com o passar do tempo e o aparecimento de frequentadores mais esclarecidos, as coisas foram se modificando. Com a introdução do estudo sistemático e uma melhor organização administrativa e doutrinária, o centro ganhou novas feições.

Também neste caso a verdade é uma só: o centro foi criado a partir de informações distorcidas e em tomo da mediunidade de pessoas sem nenhuma instrução, como aliás ocorre em muitos lugares. No início, não havia Doutrina Espírita propriamente. Hoje, entretanto, devido à abertura promovida por seus dirigentes, além do relacionamento deles com os dirigentes de diversos outros centros, temos lá um bem estruturado centro espírita.

\* ★

Em um centro espírita da Vila Matilde, Zona Leste da capital paulista, os dirigentes davam muita ênfase às conversas mediúnicas com os Espíritos. Havia lá uma reunião dita de efeitos físicos, de mais ou menos duas horas de duração, na qual a maior parte do tempo era gasta com conversas entre o chamado pessoal da casa e um Espírito que se manifestava através de um megafone. Certa feita, lá estando, ouvi o seguinte diálogo:

- Pai Tomás, é o senhor que está aí - indagou uma senhora sentada na primeira fila.
- Sim, minha filha, sou eu - respondeu o Espírito.
- Faz tanto tempo que o senhor não aparece, o que houve?
- É, minha filha, eu andei muito ocupado...
- Sentimos muito a falta de sua proteção, todos nós lá de casa.
- Eu estou sempre com vocês - atalhou o Espírito, com voz mansa. Vocês não vieram semana passada ao centro naquele carro preto? - perguntou.
- Viemos sim, Pai Tomás - prosseguiu a senhora.
- Pois é, eu estava com vocês no carro.
- Não diga, Pai Tomás!
- Digo sim, minha filha. Digo até mais: eu aumentei o peso do carro na parte direita traseira, vocês não sentiram nada?

Nisto, entra no diálogo o motorista do carro e diz:

- Bem que eu senti o carro meio estranho naquele dia. Então era você, Pai Tomás?
- E por aí a conversa prosseguiu, até que alguém entrou e encerrou a sessão. Já um tanto esgotado por todos aqueles diálogos vazios, despedi-me dos dirigentes e pus-me a caminho do ônibus, quando vi o grupo de pessoas do carro preto - aquele do diálogo com o Espírito, - preocupados com alguma coisa no carro. Aproximei-me para melhor saber do que se

passava e vi que eles lamentavam que o amortecedor traseiro direito estivesse quebrado. Foi aí que um deles saiu com mais essa:

- Esse Pai Tomás apronta cada uma!

Cerca de um ano após esse episódio, tive oportunidade de voltar aquele centro para fazer uma palestra sobre alguns aspectos da mediunidade. A certa altura, falei de um centro espírita onde se faziam sessões de efeitos físicos e narrei a história acima. Todos acharam muita graça. Como se vê, a Doutrina Espírita é ainda a grande desconhecida, nas palavras do inesquecível Herculano Pires. As deficiências notadas em muitas casas espíritas, quando não são fruto da vaidade humana, são da ignorância. O desconhecimento é ainda um grande vilão.

Alguém poderá afirmar, com base na narrativa acima, que Kardec diz que as sessões de efeitos físicos são produzidas por Espíritos inferiores e que são esses Espíritos que se encarregam de produzirem os fenômenos, querendo com isto dar validade ao diálogo que se observou. De fato, Kardec diz tudo isso, mas ele também afirma que não se deve perder tempo com sessões frívolas, que nada acrescentam ao nosso saber. Aquela sessão nada tinha de aproveitável, pelo menos aos olhos humanos. Se algo de bom dali saía, talvez fosse mais por ação dos Espíritos. O ambiente, constituído de pessoas um tanto místicas e sem nenhum interesse que não fosse pessoal, nada podia oferecer em termos de aprendizado. É preciso, portanto, cuidar melhor do centro espírita.

## *Reunir para unir*

Convergir e divergir são coisas da natureza humana. Os homens que lutam pela união estão cheios de bons propósitos e os que discutem as uniões têm sempre boas razões. Carlos Jordão da Silva e Luiz Monteiro de Barros foram dois idealistas da união dos espíritas e a eles se deve boa parcela da organização federativa brasileira. Eles encarnaram o espírito da união e se dispuseram a levá-la à frente, apesar das dificuldades. Luiz era um teórico e conciliador, Jordão era prático e mais franco. Eles se completavam. Inclusive no lema que defendiam: reunir para unir.

O movimento espírita paulista sempre foi muito pujante e crítico. Em **1972**, ainda me engatinhando nos conhecimentos doutrinários, fui visitar um centro espírita localizado no Bairro do Tremembé, em São Paulo, em nome da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Eu nada sabia, até então, sobre a questão da unificação e sequer ouvira falar na USE. Ninguém me havia falado do *animus* que existia no movimento espírita, que tomava complicado, em alguns casos, o relacionamento da Federação com a USE e vice-versa. A complicação se estendia a muitas casas espíritas, inevitavelmente, mas várias delas sabiam sobrepor-se à situação com altivez, de forma que as questões interferissem o mínimo possível nas suas atividades. Havia casas que viviam alheias aos fatos, por completo

desconhecimento do que era movimento espírita.

Tão logo cheguei ao centro, apresentei-me ao dirigente. Faltavam cerca de quinze minutos para o início dos trabalhos, proporcionando um diálogo entre nós. Subitamente, ele principiou a me fazer uma série de perguntas e críticas à atuação da Federação. Jamais me esqueci daquela noite, pois foi a partir dela que me interessei em saber a realidade do nosso movimento doutrinário. Percebendo o meu constrangimento e, com toda a certeza, a minha surpresa ante tais questões, o dirigente se desculpou e passou a tomar providências para o início da reunião da noite, que trataria da prática mediúnica.

Assim como naquele centro, em vários outros pude notar o aflorar das divergências, que dividiu os espíritas paulistas, separando-os em grupos bem nítidos, que se isolavam em suas atividades. O pior é que, não raro, as divergências penetravam porta a dentro dos centros, criando um péssimo ambiente para a convivência espiritual e o entendimento doutrinário. Os centros poderiam ser divididos em quatro correntes: a dos useanos, a dos federacionistas, a dos useanos-fe-deracionistas e a dos alheios, que ignoravam a situação.

Como era de se prever, os useanos defendiam com unhas e dentes a USE e seu sistema de organização; os federacionistas se defendiam das unhas e dentes, mas também não deixavam de mostrar suas garras. Os useanos-federacionistas exerciam seu direito de se unir às duas entidades: não as atacavam nem as defendiam - viviam de bem com ambas. E os alheios o eram por convicção ou ignorância. É verdade, muitos centros sequer sabiam da existência daquelas entidades, enquanto outros sabiam mas não se envolviam.

Grande parte das dissensões no movimento espírita acontecem mais por questões de forma do que de fundo. Podem, portanto ser eliminadas. As dissensões de fundo resultam da ignorância teórica e da prática mal feita. Podem, também, ser eliminadas. Isso significa que os espíritas têm todas as razões do mundo para conviverem bem e nenhuma para não o fazerem.

Diz "O Livro dos Espíritos" que a paixão tolhe a razão e a impede de bem julgar. Quando o espírita se apaixona pela instituição, pelo centro espírita ou pela casa, esquece a causa e corre o risco de ficar em débito com a doutrina. A paixão anda muito próximo do fanatismo, que é igualmente detestável. Deve-se amar o centro espírita, mas jamais julgá-lo superior a qualquer outro. Muitas vezes bem intencionados, os dirigentes ensinam a amar a casa acima de tudo e se esquecem de informar os limites do amor e da paixão. É da paixão que surge o animus para a dissensão. Nem a Federação nem a USE em São Paulo; nem a USE-ERJ € a Federação no Estado do Rio, enfim, nenhuma das entidades federativas estaduais é superior às demais. Uma não é totalmente detestável nem a outra é acima de tudo adorável. Todas são instituições humanas, construídas sob um ideal, dirigidas por mãos humanas, capazes de errar e acertar. A paixão nos impede de ter essa compreensão.

Um certo dirigente useano sentia-se incomodado toda vez que estava em presença de

peças da Federação. Viajamos juntos pelo interior de São Paulo, numa certa ocasião. Ele passava o tempo todo taciturno, desconfiado. Quando cada um de nós expôs seu pensamento acerca dos debates doutrinários que se faziam, uma notável convergência de princípios doutrinários se destacou. Comemos na mesma mesa, dormimos no mesmo quarto. Ao fim de três dias, retomamos para a capital. Era tudo uma alegria só. Ao chegarmos, não éramos mais da USE ou da Federação. Acima de tudo, éramos espíritas e irmãos. E assim até hoje.

Sempre muito curioso e interessado nas coisas do Espiritismo, um domingo à noite fui assistir a uma palestra no Centro Espírita José Barroso, no Bairro do Belenzinho, em São Paulo. Eu estava muito interessado na ocasião em conhecer duas figuras de destaque do movimento espírita e justamente elas estavam designadas para proferir uma palestra naquela instituição. Tão logo eles terminaram a exposição, aproximei-me de ambos e me apresentei. Um deles me abraçou com bastante afeição, mas o outro teve comportamento totalmente diferente. E o motivo era ainda uma vez mais a questão de pertencermos a instituições diferentes, que não se entendiam quanto ao comando do movimento espírita.

Só muitos anos mais tarde o nosso relacionamento alcançou aquilo que se pode chamar de nível normal e isto aconteceu em decorrência do estreitamento dos nossos laços, quando então cada um pôde ver no outro a figura humana normal, com seus erros e acertos, mas, acima de tudo, com seu ideal.

Narrava eu estas coisas em uma roda de amigos, quando alguém retrucou, dizendo-me que não se deve renegar a casa nem cuspir no prato em que se comeu. Assim, um centro espírita que se tenha erguido com o apoio da Federação não deveria jamais se esquecer disso, devendo ser federacionista. E vice-versa. Eis um argumento forte, mas equivocado. Ele parte de uma premissa falsa, a de que para amar a um é preciso desprezar outrem. Ora, podemos ao mesmo tempo amar aquela que é nossa mãe nessa vida e amar a todas as mães do mundo. Reconhecer o valor das outras não implica necessariamente em diminuir o valor da nossa. Amando a todas é que valorizamos mais a nossa.

O espírito do reconhecimento não se afirma sobre o desconhecimento do valor de outrem. A tese verdadeira se constrói exatamente ao contrário. Se tivéssemos que estabelecer uma escala de valores, diríamos

que em primeiro lugar está a doutrina, depois a casa e, finalmente, as pessoas. Por exemplo, se tivermos que decidir entre ficar com a doutrina e a casa, em vista de uma situação qualquer, o raciocínio que nos parece correto é o de ficar com aquele que for mais justo, portanto, a doutrina.

Reunir para unir é, ainda, um lema sábio.

# Administrar o desafio

Os compromissos financeiros sempre foram uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos centros espíritas. Mesmo quando organizadas e com bons anos de experiência, as instituições passam por problemas que podem ser considerados cíclicos, obrigando os dirigentes a buscarem soluções as mais diferentes.

Certa ocasião, visitei um centro da Zona Leste de São Paulo, que se dedicava duas vezes por semana às atividades doutrinárias, uma das quais era uma reunião de efeitos físicos. Logo após a prece de início da sessão, o dirigente fez veemente apelo aos presentes para que colaborassem com as despesas atualizando suas contribuições sociais, uma vez que a casa passava por sérias dificuldades. Algum tempo depois, ao retomar àquele centro encontrei as portas fechadas e um aviso que informava que a instituição havia sido despejada por falta de pagamento de aluguel.

Entre as inúmeras dificuldades para conseguir recursos financeiros para suas necessidades naturais, os espíritas deparam com uma que é bastante curiosa: a má compreensão do termo “caridade”. O “dai de graça” do Evangelho se popularizou de tal maneira no movimento, -que acabou por formar uma consciência geral equivocada, a ponto de causar em alguns setores um mal estar indefinível quando se fala em dinheiro.

Todo centro espírita legalmente constituído possui no seu estatuto um título que trata dos sócios e das contribuições sociais. Por diversos motivos, essas contribuições não são cobradas (e muito menos pagas espontaneamente) ou ficam tão defasadas da realidade econômica do País que acabam não cobrindo as despesas essenciais. Aí, surgem situações tais que terminam por sobrecarregar alguns idealistas, os quais se vêem obrigados a suportar os encargos financeiros, como se já não bastassem os demais. Quando estes idealistas ainda não são tão idealistas, apenas e simples dirigentes, o que acontece? Eles abandonam a instituição e vão pousar em outras árvores, levando muitas vezes à morte o centro espírita. Quantos deles não existem em tal situação que não têm como sequer formar uma diretoria de sete elementos...

Por volta de **1975**, uma comissão formada por quatro pessoas procurou-nos no Departamento Federativo, solicitando que fosse feita uma intervenção num determinado centro espírita de Jacareí, interior de São Paulo, sob a alegação de que um seu dirigente se “a-possara” - este é o termo - da instituição. Pensavam eles que a Federação tivesse esse poder arbitrário, mas não tinha, nem ela nem outra qualquer instituição semelhante. O movimento espírita não está organizado como as agremiações tipo a Maçonaria, por exemplo, onde o poder de intervir é garantido constitucionalmente. Os centros espíritas são pessoas jurídicas, independentes, e seu poder maior decisório é a Assembléia Geral dos Sócios. O vínculo entre ele, centro espírita, e a entidade coordenadora do movimento, quando existe, é meramente de ordem moral, não conferindo a ela, entidade coordenadora,

qualquer poder intervencionista. Somente a Assembléia dos Sócios, portanto, pode tomar qualquer decisão saneadora.

É verdade que em determinados locais do Brasil existem situações diferentes, onde a ligação do centro espírita com a entidade coordenadora foi formalizada em determinados momentos de tal maneira que o primeiro ficou submetido ao segundo, jurídica e moralmente. Essa situação, porém, é um equívoco do passado e já não mais ocorre no presente - ou pelo menos não deve mais acontecer. Moralmente falando, as entidades federativas podem apenas oferecer apoio orientado, jamais intervir sob qualquer pretexto.

Mais tarde, fomos ouvir o outro lado, isto é, o dirigente acusado de "apossar-se" do centro espírita. Foi assim que ficamos sabendo que aquele centro, anos antes, havia passado por sérias dificuldades financeiras, fato que levou os dirigentes eleitos a abandonarem-no. Para não deixar a entidade desaparecer, o dito dirigente tomou para si a responsabilidade de saldar as dívidas e passou a ditar as normas da casa, o que já vinha acontecendo há alguns anos, sem que ninguém até então procedesse a qualquer reclamação. Somente então, surgiram alguns descontentes, que exigiam dele a divisão do poder, com o que ele não concordava por razões óbvias. Felizmente, o diálogo ali funcionou e o centro pôde reorganizar-se nos moldes normais de uma instituição regida por um estatuto que obedece a leis civis.

O caminho natural de um centro espírita, do ponto de vista de sua organização material, exige que ele mantenha o quadro de sócios organizado e tenha sempre em mente a necessidade de ampliá-lo, além de proceder às devidas cobranças das mensalidades, que também devem ser atualizadas sempre que necessário. Isto não é apenas legal, juridicamente, mas necessário mesmo para a vida de instituição. A existência de um quadro associativo e suas respectivas mensalidades não pode ser confundida com cobrança de serviços prestados pelo centro espírita. O indivíduo se torna sócio por sua livre vontade, assumindo nesta condição direitos e deveres, entre os quais está a obrigação de colaborar com as despesas da instituição através de uma mensalidade cujo valor é decidido, normalmente, pela diretoria executiva.

Mas a receita de um centro espírita não se cinge apenas às colaborações dos sócios para suportar todos os seus encargos financeiros. Há inúmeras outras fontes de recursos, já hoje em dia amplamente utilizadas, tais como a comercialização de livros, a realização de bazares beneficentes, alcançando inclusive atividades mais complexas comercial ou industrialmente. Em qualquer das situações, desde a mais elementar que é a simples cobrança de mensalidades até a mais complexa, existem pessoas contrárias à movimentação de dinheiro no centro espírita, afirmando que ali não é lugar para qualquer tipo de comércio. Conhecido dirigente de uma grande instituição espírita paulista chegou mesmo a tomar atitude para acabar com as livrarias existentes, as quais eram a maior fonte de recursos, indiscutivelmente necessários, para sua sobrevivência e o pretexto era exatamente

o do comércio indevido. Felizmente, a decisão não se materializou...

No caso do livro, sua editoração e comercialização traz pelo menos três vantagens: primeiramente, porque facilita aos frequentadores a aquisição dos livros que devem ou precisam ler; em segundo lugar, porque isto é, indiscutivelmente, um ato de divulgação do Espiritismo e de acordo com o nosso conhecido Emmanuel, a divulgação é a maior caridade que se presta à Doutrina Espírita; finalmente, porque o lucro advindo da venda dos livros se reverte em mais livros e melhorias materiais da instituição, que assim não fica na dependência dos donativos ou das contribuições sociais.

As pessoas refratárias à movimentação de dinheiro no centro espírita citam a passagem evangélica dos vendilhões do templo, com que Jesus teria exemplificado - 68 do que o templo não é local de comércio. Além disso, essas pessoas estão de certa forma marcadas com aquilo que acontece com certas religiões, em tomo das quais gravitam comerciantes poderosos, e não desejam que isso venha a ocorrer com o Espiritismo. Até aí, tudo bem. O que não se pode aceitar é que a pretexto de não tomar-se pólo de comércio o centro espírita tenha que fechar suas portas por falta de meios de sobrevivência. O exagero, qualquer que seja, tem seu inevitável prejuízo. E de se esperar que o bom senso prevaleça e o espírita saiba manter no seu devido lugar aquilo que é comércio ou fonte de renda e aquilo que se constitui questão doutrinária.

As soluções devem ser buscadas com equilíbrio e cautela. Certa vez, uma famosa cantora de música popular brasileira, muito simpática à causa espírita, se dispôs a realizar um show cuja renda se reverteria para as obras de uma creche que certo centro estava construindo. A obra estava a meio caminho e a necessidade de dinheiro era premente. Segundo os cálculos mais pessimistas, o show supriria definitivamente a obra do suporte financeiro até a sua conclusão. Aí veio o impasse mais grave: a cantora faria o show, mas impunha como exigência que o centro fornecesse um recibo de donativo, não do valor que seria arrecadado, mas simplesmente do dobro daquele valor, a fim de que ela, cantora, pudesse safar-se de alguns problemas que enfrentava com o fisco...

Isso é uma forma de corrupção, inaceitável para uma instituição espírita. Mas será que todos os centros espíritas sabem se comportar diante de ofertas tão tentadoras? Há indivíduos, entre comerciantes, empresários e prestadores de serviços, que em determinadas épocas do ano oferecem polpudas contribuições para instituições beneficentes, em troca de recibos quatro a cinco vezes maiores do que a contribuição. Aceitar esse tipo de coisa é contribuir para que corruptores e corrompidos convivam pacificamente em nossa sociedade, validando a imoralidade e invertendo os valores.

Quando uma atividade comercial, necessária à manutenção do centro espírita, prejudica suas atividades essenciais, seja exigindo para si maiores atenções, seja ocupando o espaço normalmente utilizado para atividades doutrinárias, aí é preciso parar e reorganizar a situação. Ao criar o seu Bazar Beneficente, certa instituição espírita paulistana chegou ao

cúmulo de paralizar por um período os seus cursos para poder comercializar os produtos, prejudicando centenas de alunos. Além do espaço físico, ela precisava dos colaboradores, que eram os próprios alunos. O fato foi, infelizmente, copiado por duas outras casas espíritas, com idênticos prejuízos para os seus frequentadores.

Mas, o dinheiro que falta aqui sobra ali. Há instituições espíritas muito bem situadas financeiramente, com obras sociais e excelentes sedes. Contra estas se costuma levantar a voz do preconceito, com acusações contra um suposto luxo e elitização dos frequentadores. Em boa parte dos casos, a crítica não procede. Allan Kardec estimula e justifica a necessidade das instituições espíritas se preocuparem em possuir sedes bem feitas, quando alude à sede da sociedade, no Projeto **1868**, dizendo: “o mais urgente seria prover a sociedade de um local convenientemente situado e disposto para as reuniões e recepções. Sem lhe dar um luxo desnecessário e, ao demais, sem cabimento, precisaria que nada aí denotasse penúria, mas apresentasse um aspecto tal que as pessoas de distinção pudessem estar lá sem se considerarem muito diminuídas”.

Se' há casos onde o excesso justifica a crítica, felizmente eles não fazem regra. Mas, ainda assim, que prevaleça a essência doutrinária. O luxo só diminui a doutrina quando estimula o orgulho; quando eleva o misticismo e diminui a razão; quando comercializa a fé e deixa de instruir; quando, enfim, deixa de desenvolver os melhores sentimentos. Um sede bem construída deve ser objeto de elogios e não da crítica.

Certa ocasião, manifestou-se um Espírito recém-desencamado em nosso círculo, dizendo para sua esposa ali presente que as jóias com que lhe presenteara um dia não eram verdadeiras. Justificando, disse que resolveu atender a seus insistentes pedidos, dando-lhe as jóias no seu último aniversário, porém, ao invés de jóias de ouro, pediu a um amigo joalheiro que as fizesse semelhantes, mas de um material mais barato, posto que, acreditava, o uso de jóias caras era uma afronta à realidade social. Surpresa pela confissão espontânea do marido, a esposa tratou de verificar a veracidade do fato, o que realmente ficou comprovado. A lição teve profundas repercussões em seu íntimo.

Os centros espíritas que reúnem condições financeiras podem e devem construir boas sedes, evitando, é claro, a ostentação, tendo por objetivo apenas o bom desenvolvimento de suas atividades e a possibilidade de bem receber a todas as pessoas que os procurarem. Aqueles que não dispõem desses recursos, podem tornar suas humildes sedes em locais aconchegantes, mantendo-as limpas e bem arejadas. Inaceitável é, em nome da humildade, manter descuidada a casa.

# A informação e o dirigente espírita

Alguém me perguntou um dia, entre espantado e perplexo: há por acaso algum dirigente de centro que não lê jornal espírita? Há, repeti-lhe, enfaticamente. Mais do que isso, há dirigentes que não lêem e não deixam os frequentadores lerem. E contei-lhe que, certa vez, encontrei um antigo amigo, espírita velho, bem formado, com diploma em administração de empresas, presidente de um centro situado no alto da Lapa, em São Paulo. Após os abraços saudosos, ele me perguntou: - Como vai o Aluysio Palhares? Respondi-lhe: - Ele desencarnou há oito meses, você não sabia? Os jornais publicaram a notícia e eu mesmo escrevi uma crônica no Correio Fraternal do ABC sobre ele. Meu amigo, com ar de estranho triunfo, saiu com essa: -Eu não leio jornal espírita.

\* \* \*

Felizmente, existem dirigentes que são assíduos leitores de jornais e revistas espíritas, muitos dos quais se sentem realmente orgulhosos quando verificam que um novo jornal aparece na praça. Curiosamente, certos espíritas gostam tanto da imprensa que chegam a receber em casa inúmeros jornais, das centenas que são publicados no País. Entretanto, alguns fazem uma certa confusão, por puro desconhecimento. Eles acreditam que o jornalismo espírita, exatamente por ser espírita, deve ser um elemento voltado para a educação. Na verdade, eles confundem as coisas. Primeiro, por entender por educação uma coisa que nada mais é do que doutrinação. Ou seja, pensam estes que os jornais espíritas devem convencer as pessoas da grandiosidade que é o Espiritismo e entendem isso por educação.

Outras pessoas reclamam do jornalismo espírita por serem contrárias ao posicionamento crítico da imprensa. E exigem que essa imprensa reconheça o seu papel de educadora. Bem intencionadas, porém mal informadas sobre as responsabilidades da imprensa, se seguidas elas acabarão por criar uma imprensa híbrida, o que seria altamente danoso para a Doutrina Espírita.

Dentro desse quadro vamos encontrar os diversos dirigentes de centros espíritas. Segundo o seu pensamento e modo de ver eles orientam os frequentadores. Se gostam de determinado jornal, chegam a comprá-lo, para distribuir no centro. Se não gostam, vão ao extremo de proibir a sua entrada no centro.

\* \* \*

Após alguns anos, reencontrei em Curitiba um daqueles amigos que a gente não mais esquece. Conversa vai conversa vem, verifiquei que a sua visão de movimento espírita havia mudado bastante em relação ao tempo em que nos conhecemos quando ele morava em São Paulo. Soube que ele recebia, mensalmente, no centro de que fazia parte um pacote de

exemplares do jornal "Correio Fraternal do ABC". Porém, antes de distribuí-los, ele tomava a precaução de ler o jornal e se por ventura encontrasse algum material crítico ele não deixava o jornal chegar aos frequentadores. Assim, o que não era bom para ele não era bom para ninguém. Ele via com horror qualquer apreciação crítica que discordasse desse ou daquele posicionamento. Por exemplo, uma simples crítica a um livro, onde o autor se posicionasse de maneira contrária ao Espiritismo, era para ele motivo para apreender os exemplares do jornal. Entendia ele que os jornais espíritas só deveriam falar das coisas boas, pois falar do mal, segundo ele, era dar aso ao negativo.

\* \* \*

O jornalismo moderno é considerado eminentemente informativo, ou seja, considera-se como função básica do jornalismo prestar informações aos seus leitores sobre os fatos que ocorrem diariamente na sociedade. A notícia que reproduz a realidade é, pois, a matéria-prima do jornalismo. Mas, será que é isto mesmo que acontece? Não teria a imprensa outras funções paralelas? Por exemplo, as matérias de opinião, bastante comuns nos jornais, visam o mesmo objetivo de informar ou têm outros interesses que superam a informação pura e simples?

Seria, sem dúvida, forçar a realidade o dizer que a imprensa atual é puramente informativa, pelo contrário, em sua variada gama de seções surge nítida a intenção de alcançar o leitor nos diversos níveis de interesse em que ele se situa. Deixando de lado os inconfessos interesses econômicos dos donos de jornais, verifica-se que o jornalismo diário é, como o afirma Clóvis Rossi, uma "batalha para conquista de mentes e corações". Pois bem, se assim é, devemos convir que esta batalha se desenvolve em diversos flancos, não só o da notícia, mas igualmente o do entretenimento, o da prestação de serviços, o da cultura, o da ciência etc. etc.

O jornalismo moderno, que nos serve aqui de introdução para o jornalismo espírita, busca na variedade a "conquista de mentes e corações" e com isso ele é hoje, em boa proporção, o informativo, mas é, também, o prestador de serviços com os seus chamados "classificados", aquele que também diverte o leitor através matérias específicas ou que lhe proporciona melhoria cultural com matérias de diversos matizes. Assim como o leitor é variado em seus gostos e desejos, o produto que se chama jornal está sempre se modificando na medida em que descobre novos meios, novas formas para alcançar mais leitores.

Um fato que merece ser ressaltado é o de que o homem moderno tem tanta necessidade de informação quanto de respirar e alimentar-se. Na medida em que esse homem se conscientiza disso, mais ele busca os meios de comunicação a fim de manter-se vivo. Isto favorece a venda do produto jornal mas obriga, ao mesmo tempo, àquele que o fabrica a estar atualizando-se nas tendências e aspirações dos novos leitores.

As matérias opinativas têm por objetivo, sem dúvida alguma, influir na opinião do leitor, muito embora elas se destinem, também, a ser um dado novo a pesar na balança da decisão

do leitor. Aqueles que são responsáveis por essas matérias, ao escrevê-las entendem que seu modo de ver é o que mais convém e dessa forma esperam que o leitor concorde com eles ou, no mínimo, antes de decidir pese muito bem essa opinião. Do contrário, de nada adiantaria o esforço de escrever tais matérias.

As matérias que poderíamos chamar de puramente informativas têm, também, um peso relativo na opinião final do leitor. E não poderia ser diferente. À medida em que o leitor toma conhecimento de determinados fatos ele tende a formar uma opinião sobre eles, coincidente ou não com a opinião do jornal ou de quem escreve pelo jornal. Leve-se em consideração, aqui, que o repórter que escreve uma notícia é, antes de mais nada, um ser humano com suas emoções e por mais que se queira que possua isenção na hora de narrar o fato, suas emoções terão influência, maior ou menor, sobre o que for escrever. Se por acaso ele tiver uma ligação direta com o fato, as emoções tenderão a atuar mais do que se sua ligação for pequena ou nenhuma.

## *Leitura das entrelinhas*

Por seu turno, o leitor - a par de tudo o que já foi dito - precisa estar atento para as intenções subjacentes num texto jornalístico, como de resto em todo e qualquer texto. E o que se chama de leitura das entrelinhas, termo forjado na linguagem técnica da área gráfica e que significa que o texto pode estar querendo dizer além daquilo que aparenta. Para isto, o leitor deve se familiarizar com o jornal, a ponto de conhecer particularidades dele, como suas ligações políticas, ideológicas, religiosas etc. Este conhecimento permite não só entender certas mensagens como também saber o porquê de certas notícias aparecerem com maior ou menor ênfase no jornal.

E o jornalismo espírita, de que forma surge neste contexto e até que ponto as características apontadas no jornalismo diário têm ligações com ele? A imprensa espírita faz o que se chama de jornalismo especializado, ou seja, ela visa divulgar fundamentalmente a Doutrina Espírita. Tem, pois, sua ideologia e seus interesses, somente com a diferença de que tais elementos aparecem aí claramente, o que nem sempre acontece no jornalismo diário. Afora isso, as ligações deste jornalismo são bastante estreitas com o jornalismo diário.

Do ponto de vista técnico, não há diferença. Há na prática. O jornalismo espírita é feito, na maioria, por pessoas de boa vontade, que ficam a dever no que tange aos aspectos técnicos do texto e da diagramação. Mas os próprios responsáveis pela imprensa espírita, no momento de fazer o jornal, procuram mirar no jornalismo diário, não no sentido de copiá-lo, mas de realizar um trabalho tanto quanto possível semelhante, a fim de atrair o leitor e conservá-lo ou, como já foi dito, para conquistar suas mentes e corações, não entrando aqui, por evidentes razões, a questão econômico-financeira, de geração de lucro.

O jornalismo espírita tem um forte e declarado acento opinativo e por isto ele é menos informativo do que talvez devesse ser. Essa característica pode ser explicada pela sua especialização como—também pela estrutura que ó mantém: com raríssimas exceções, a redação de um jornal espírita não passa de duas pessoas. As informações, neste caso, ficam na dependência das correspondências que chegam à redação ou do conhecimento do fato por parte daqueles que fazem o jornal. Já as matérias opinativas chegam em grande número às redações, facilitando o preenchimento do espaço.

O jornalismo espírita também precisa ser lido nas entrelinhas, dado que aqueles que o fazem têm suas ligações, interesses e emoções. Não se discute aqui a questão da honestidade, porque se parte do pressuposto que todos os que trabalham pela doutrina a possuem em grau elevado. A leitura das entrelinhas leva ao conhecimento de particularidades que permitem compreender as tendências das informações e opiniões, sendo que isto é muito importante para que o leitor forme sua própria opinião.

## *A informação como auxiliar da formação espírita*

Há uma frase curiosa que circula no movimento espírita, afirmando que os jornais doutrinários são veículos sempre amais, podendo ser lidos a qualquer tempo e hora. Isto porque se institucionalizou uma idéia equivocada de que os jornais espíritas contêm basicamente mensagens e matérias de interpretação da Doutrina Espírita.

Dentro dessa mesma linha, vamos encontrar pessoas que defendem a idéia de que os nossos veículos de comunicação são instrumentos de educação e não de informação. Quando essas pessoas têm em suas mãos algum desses veículos, elas trabalham nessa mesma direção, ou seja, tentam fazer um jornal objetivando formar as pessoas no conhecimento doutrinário. Há um engano aí que precisa ser reparado. Em primeiro lugar, a imprensa, quando utilizada para fins de auxiliar da educação exige que tal procedimento seja feito com certos critérios sem os quais o seu trabalho não surte o efeito desejado, pois a forma como o jornal é manuseado pelo leitor tende a anular as intenções educativas.

Sendo o jornal um produto de consumo rápido, os longos textos e a linguagem diferenciada de seu contexto, como é o caso da linguagem educativa, podem levar o leitor à não leitura, desperdiçando tempo e espaço. Qualquer texto que tenha por meta exercer uma função educativa deve ser preparado segundo essa realidade e de preferência com o conhecimento por parte de seu autor de que o veículo pode ser auxiliar da função educativa e não um agente dela.

A própria idéia de que a imprensa é formadora de opinião pode e deve ser posta em discussão, uma vez que os leitores são pessoas alfabetizadas e não raro de formação média

ou universitária, de modo que possuem sua própria opinião já formada. O jornal influi, sem dúvida, sobre a opinião de boa parte dos leitores, mas essa influência talvez não seja tão profunda quanto se propala. É possível que ela esteja sendo muito mais dimensionada do que a realidade. A influência do jornal se dá de forma semelhante à das pessoas entre si, talvez um pouco mais, em razão de uma névem mística que envolve os veículos de informação de maneira geral. Mas leve-se em consideração que, quando essa nuvem se desfaz - e isso ocorre, mais cedo ou mais tarde - a influência acaba se reduzindo aos níveis do natural.

Uma coisa é certa: a educação não prescinde da informação para completar a sua função e, neste caso, a imprensa aparece como um meio não apenas indispensável como insubstituível. Pelo contrário, como a educação é um processo que não tem fim, que não se esgota com os anos que o indivíduo passa nos bancos escolares, a importância da imprensa tende a crescer e a constituir-se produto fundamental de consumo diário das pessoas.

No caso específico do Espiritismo, a educação pode ser compreendida como o processo de transmissão de conhecimentos doutrinários, capazes de serem assimilados, desenvolvidos e postos em prática pelo indivíduo e, com isto, levarém-no a evoluir, dentro da afirmativa de André Luiz de que "a educação da alma é a alma da educação". Para que isto se concretize, diversas ações são realizadas, tais como a instituição de cursos doutrinários, a realização de palestras, simpósios, mesas redondas etc., além da indispensável incorporação do indivíduo nos trabalhos do centro espírita, que aí constituem a parte prática que deve acompanhar toda e qualquer ação educativa.

Educar em Espiritismo significa tomar o indivíduo espírita ou, se o quisermos, spiritizar. Através de instruções metódicas, o ser incorpora à sua cultura os conhecimentos doutrinários, que abrangem os dois lados da vida. A informação, que se reputa indispensável a todos os seres humanos, no caso espírita firncio - na antes, durante e depois das ações educativas. O indivíduo, antes de frequentar um curso regular de Espiritismo, com certeza, já é um elemento conhecedor de fatos espíritas, não sendo de se desprezar uma possível influência desse conhecimento para que se tomasse espírita. Durante o curso e posteriormente a ele, o indivíduo continua tendo necessidade de conhecer os acontecimentos que se dão ao redor da Doutrina, ou seja, dos centros e instituições espíritas, não só para se manter informado - o que já é uma grande coisa, pois, indiscutivelmente, o indivíduo bem informado tem mais condições de acertar em seus trabalhos do que àquele cujo nível de informações é fraco ou nenhum - mas, principalmente, para acompanhar os avanços sociais e neles poder influir.

A ação da imprensa espírita é, pois, uma ação predominantemente informativa e como tal contém elementos de divulgação doutrinária, uma vez que amplia o raio e o alcance dos fatos e através deles leva o indivíduo a melhorar os seus conhecimentos ou a inclinar-se em favor do Espiritismo. Essa ação funciona como auxiliar da formação espírita toda vez que o

indivíduo incorpora a informação e sobre ela raciocina com o auxílio dos seus conhecimentos doutrinários ou quando os dirigentes espíritas se utilizam da informação para fundamentar ou apenas realçar o que já foi ensinado.

O auxílio da imprensa espírita pode vir ainda explícito na veiculação de material pedagógico ou na discussão teórica dos princípios ou teses sobre a educação, com maior ou menor alcance conforme seja o melhor ou pior uso de suas técnicas e linguagem. A função auxiliar não pode e não deve ser compreendida como principal, numa inversão prejudicial das coisas, pois a principal é sabidamente a informativa.

Ao ser informativa a imprensa é, ao mesmo tempo, transitória, por que a informação tem o caráter de coisa passageira: no dia seguinte, mudam-se as informações. Ao repetir-se como veículo no dia seguinte, a imprensa apresenta o seu caráter de permanência e com isto se mantém atuante. A imprensa, pois, convive com os dois caracteres: a transitoriedade e a permanência.

Assim como a educação, a imprensa informativa apresenta um conteúdo crítico muito forte, difícil para alguns de ser compreendido, pois direciona o indivíduo no caminho da razão, fato primordial para o seu crescimento ou, se quisermos, amadurecimento. A informação em si já é um elemento crítico, que enseja análise. Esse elemento crítico é reforçado pela imprensa com outros elementos comparativos, dados estatísticos, registros semelhantes, enfim, uma série de acrescentamentos que produzem no indivíduo uma ação automática de raciocínio. Donde se conclui que uma imprensa bem feita é aquela que melhores resultados produz nos seus leitores a nível de novas informações e a imprensa ruim ou inócua será aquela que apenas repete o lugar comum, o já visto, sem nada acrescentar.

Além da diversidade de opiniões a respeito da imprensa espírita, com acentuada presença de preconceitos nas decisões dos dirigentes espíritas – o ideal seria que todos os frequentadores fossem instruídos e motivados a ler, segundo a opção de escolha de cada um – encontramos também um certo descaso para com o esforço alheio, dos que com sacrifício produzem os jornais doutrinários. Não poucas vezes me deparei nas prateleiras de centros espíritas com pacotes fechados de jornais espíritas, ao sabor da poeira e das traças. Os dirigentes não tiveram a consciência sequer de abrir os pacotes e nem mesmo a prudência de guardar em lugar diferente. Certa ocasião, não podendo me conter ante um fato dessa natureza, tomei a liberdade de perguntar ao dirigente o porquê daquilo. Em resposta, disse ele: – Eu não sabia que esses jornais eram para distribuir.

Sobre esse assunto, fui convidado a fazer algumas palestras em centros espíritas e, para tanto, preparei o trabalho seguinte, que foi publicado nos jornais “A Voz do Espírito” e “Dirigente Espírita”, além de ter sido debatido, também, no I Encontro de Trabalhadores e Dirigentes Espíritas, realizado em agosto de 1990 em São José do Rio Preto.

# Imprensa e Centro Espírita

Não será exagero dizer que à imprensa espírita se deve, em boa parte, a grande divulgação que o Espiritismo tem no Brasil. Esse fenômeno foi verificado até mesmo na Europa, com o lançamento da Revista Espírita, por Allan Kardec, em **1858**, apenas nove meses após a edição de “O Livro dos Espíritos”. Com a revista, a doutrina ganhou um impulso incrível, para além daquilo que o próprio Codificador poderia esperar. Pessoas de diversas partes do continente europeu passaram a ter conhecimento dos fenômenos e da filosofia que os explicava e a prova do interesse pela revista se mostrava exatamente pelos aumentos sucessivos de sua tiragem, além de sua vida longa (Kardec a dirigiu por doze anos, até o seu desencarne, após o que ela passou para as mãos de madame Allan Kardec e de P.G. Leymarie).

No Brasil, antes mesmo de qualquer livro doutrinário, foi lançado um jornal – Echo D'Além Túmulo – em Salvador, Bahia. Embora de vida efêmera, ele deu a partida para uma sucessão interminável de outros veículos noticiosos, fato que alcançou os nossos dias e promete prosseguir pelo futuro, uma vez que a importância do jornal espírita é vista diariamente por todos aqueles que sentem e vivem o ideal doutrinário.

Seria impossível, apesar das tentativas, enumerar todos os veículos espíritas existentes no País. Com certeza, os de circulação regular ultrapassam uma centena e, se pudéssemos contar os boletins e veículos esporádicos, chegaríamos a um número surpreendente.

Ao longo de quase um século e meio, muitos homens sentiram de uma maneira ou de outra, a importância de poder contar com um jornal ou revista à disposição para divulgar a doutrina. O alfaiate Augusto Elias da Silva fundou em **1883** “O Reformador”, que a FEB passou a editar posteriormente; São Paulo, terra onde o espírito do progresso se fez presente fortemente, viu um Antonio Gonçalves da Silva “Batui- ra” fundar o “Verdade e Luz”, também no século passado e distribuí-lo, lépido como a ave que lhe emprestara o apelido, de casa em casa e até na famosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Cairbar Schutel seguiria seus passos e acabaria por fundar um jornal (**1905**) – “O Clarim” – e uma revista (**1925**) – “Revista Internacional de Espiritismo” – para desbravar a selva da ignorância alimentada pelo clero dominante.

As coisas não parariam aí. O Brasil inteiro via crescer vertiginosamente o número de veículos doutrinários e todos, absolutamente todos os homens imbuídos do propósito de editar jornais espíritas eram criaturas nascidas dentro de centros espíritas. Eis aí um fato importante. A proporção do surgimento de jornais espíritas só não era maior do que a criação de centros espíritas e isto se explica exatamente porque os jornais nasciam do interesse dos dirigentes de centros.

Estima-se que em **1990**, só no Estado de São Paulo, existiam cerca de dois mil centros espíritas.

Calculando-se à média de quinhentas pessoas por centro, chegar-se-ia a um número considerável de um milhão de frequentadores regulares de centros. Isso significa que existiam um milhão de leitores em potencial de jornais espíritas. Significa, também, que a imprensa espírita deveria editar cerca de trezentos e cinquenta mil exemplares de jornais por mês para atender a todos, uma vez que, estatisticamente, cada jornal é lido por três pessoas.

Os números da imprensa espírita, então, eram os seguintes: existiam no estado cerca de **30** jornais periódicos que, juntos, somavam cerca de oitenta mil exemplares por mês. Porém, cerca de quarenta por cento desses exemplares se destinavam a leitores fora do Estado; vinte por cento iriam para um mesmo leitor, pois há pessoas que fazem assinaturas de mais de um jornal; dez por cento é considerado a taxa de encalhe, ou seja, jornais que não chegam a ser distribuídos e viram sucata. Com isso, se chegou à conclusão de que apenas trinta por cento eram lidos pelos leitores.

Dessa maneira, fazendo-se as contas, somente cerca de setenta e duas mil pessoas liam os jornais espíritas mensalmente em São Paulo.

## Como melhorar a situação?

A resposta para essa pergunta é a chave da questão. Diversas possibilidades podem ser agrupadas. Ao longo do tempo, por exemplo, se verificou que muitos dirigentes de centros deixam nas gavetas os jornais que recebem gratuitamente. Isso significa que eles não lêem e não incentivam a leitura aos frequentadores. Parece significativo, também que a melhoria do nível de leitura tende a passar pelo centro espírita, assim como qualquer outra questão que envolva a coletividade espírita. Tudo se resume, então, em uma tomada de consciência por parte dos dirigentes, ou seja, deve-

se verificar que na época em que vivemos a informação é vital para o ser humano. O jornalismo espírita é o canal capaz de levar ao adepto a informação que pode colocá-lo a par dos horizontes espíritas.

A contrapartida disto deve vir dos próprios veículos. Não se pode desconsiderar que a nossa imprensa ainda possui suas falhas, responsáveis por uma parcela do reduzido número de leitores. Melhorar a qualidade do jornalismo espírita implica em contribuir para a melhoria do nível de leitura. Mas essa melhoria não deve ser considerada apenas de caráter estético ou técnico, mas principalmente de conteúdo, ou seja, o jornalismo espírita deve ampliar sua capacidade de informar, de modo a colaborar com o leitor em sua consciência crítica. Isto se consegue começando pela melhoria da compreensão dos objetivos do jornal e do modo como o jornal deve ser produzido.

Os dirigentes espíritas, de um lado, e os jornalistas, de outro, têm pois a responsabilidade por esse importante trabalho.

# O Centro Espírita não se limita a quatro paredes

Junto com o Flávio Pereira do Valle, dirigi-me ao Vale do Paraíba, mas precisamente à cidade de Guaratinguetá, onde nos esperavam dirigentes de diversos centros espíritas da região. O assunto ali a ser tratado era relativo à administração e ordem jurídica das entidades doutrinárias. Era, na ocasião, um tema de grande preocupação da USE e a convite de seus diretores fazíamos aquelas viagens. Meu livro “O Centro Espírita” havia sido publicado há pouco e suscitava interesses diversos no movimento espírita. Era ele, inclusive, o motivo de inúmeras reuniões da área jurídica da USE, que o Flávio comandava, com dirigentes de instituições doutrinárias, das quais eu participava com o objetivo de analisar os aspectos relativos ao setor, incluindo aí a questão da administração.

Durante um dos “coffee breaks”, um dos jovens dirigentes presentes ao encontro se aproximou e fez a seguinte pergunta:

- O que eu preciso fazer para conhecer a verdadeira dimensão do centro espírita?

\*\*\*

Noutra ocasião, encontrava-me no Centro Espírita Unidos, do Bairro da Casa Verde, na Capital paulista, para fazer uma palestra sobre assunto doutrinário, quando fui abordado por um companheiro que desejava saber se para ser um bom espírita bastava a ele frequentar aquele centro:

- O Espiritismo é igual em todos os locais ou tudo o que eu preciso saber posso encontrar aqui mesmo?

\*\*\*

Na Federação Espírita do Estado de São Paulo, conversávamos o Carlos Eduardo da Silva, o João Martins Garcia e eu sobre as diferenças de prática espírita nas diversas regiões do País, sendo que, acreditava eu, para se ter uma boa visão da realidade espírita a nível nacional seria sumamente necessário conhecer a sua prática nos diversos Estados. Todos concordaram.

Ao sair dali, ouvi a conversa de dois diretores da Federação, em que um dizia ao outro ser impossível resumir num documento só as funções do centro espírita, dado que - argumentavam **1** essas funções são inúmeras e muito extensas.

★ \*\*

Finalmente, em um Centro Espírita, situado no Bairro da Lapa, em São Paulo, ouvi, não sem grande surpresa, um companheiro de antigas lutas afirmar que para ele bastava saber o que se passava naquela instituição, que não tinha nenhuma preocupação com o que acontecia fora ou em outros centros. “O Espiritismo - dizia - é um só e basta ter conhecimento doutrinário para poder viver em paz com a consciência”.

Essa visão do Espiritismo, é fato constatado, não é rara e pode ser encontrada em

muitas instituições e, mesmo, na cabeça de bons dirigentes. O caso é que muitos, por puro comodismo, acredito, não imaginam poder colher alguma coisa que se lhe possa acrescentar na bagagem cultural fora das paredes do centro que dirigem. Uma simples conversa com certos frequentadores de centros pode demonstrar o quanto a visão de Doutrina Espírita e de movimento doutrinário está restrita a um quadrilátero acanhado.

Foi pensando nesta situação e na necessidade do centro espírita ser compreendido em toda a sua grandiosidade, não apenas comò elemento de medida mas, principalmente, como meio de melhorar a consciência do dirigente e do frequentador, que elaborei um texto, publicado no jornal “Correio Fraternal do ABC” como editorial, intitulado – “Os horizontes do centro espírita”. Este texto acabou suscitando muitos comentários e, inclusive, inúmeros convites de centros espíritas, para palestras e debates acerca do assunto, pois, ao que parece, ele consegue resumir toda essa questão ligada às atividades e funções dos centros espíritas. Eis o que dizia na ocasião:

“Considerado a célula máter do movimento doutrinário, o centro espírita abriga as esperanças de consolo e conhecimento de muitas almas. A sua organização e infra-estrutura e a capacidade de receber e orientar conferem ao frequentador a visão do Espiritismo como doutrina e como movimento. Os centros melhor organizados e com bom nível de relacionamento externo concorrem para formar no frequentador uma visão mais ampla, crítica, do Espiritismo e da sociedade, o que se poderia denominar de horizontes amplos. Os centros de organização mais sofrível, que se reduzem si mesmos, acabam por formar no frequentador uma visão curta, acanhada, cujos horizontes não ultrapassam as paredes do próprio centro.

O tamanho do centro espírita não tem, necessariamente, relação com a sua estrutura. Há bons centros de tamanho pequeno como os há grandes. A estrutura do centro espírita está em relação direta com a capacidade dos seus dirigentes, no que se refere a produzir bons resultados no frequentador. O dirigente capaz não aceita o isolacionismo, não se limita a ver e entender o Espiritismo como apenas o quadrilátero em que se localiza a sua instituição. Ele se relaciona com os seus pares de outras casas, discute problemas gerais, participa. E mais: na parte do conhecimento, o dirigente capaz produz os fatos necessários para que o frequentador busque sempre o saber e a informação, uma vez que ele próprio – o dirigente – se capacita do saber e se informa constantemente. Não apenas estuda e lê bons livros, mas acompanha os acontecimentos sociais através dos jornais da grande imprensa e os acontecimentos doutrinários pelos jornais da imprensa espírita.

A ação do dirigente capaz e a estrutura do centro de que participa servem de balizamento para o frequentador, que se vê, assim, impelido a agir e participar do movimento espírita como um todo. A visão do frequentador se desloca da região em que primeiro se localiza, para os vastos horizontes que contornam o Espiritismo, conferindo-lhe uma compreensão mais ampla. Esse frequentador jamais será inativo. Em sua cabeça não se

levantarão dúvidas sobre questões gerais, como a forma de organização do movimento no País, as diferenças de pensamento que existem em relação a certos princípios, as causas dessas diferenças etc. A ele é dado alcançar a visão histórica, que explica o presente; a visão dos objetivos doutrinários e dos meios para alcançá-los; a visão crítica, para saber discernir, enfim, tudo o que é preciso ter um frequentador de centro espírita.

Veja-se que até aqui não mencionamos nada sobre passes, desenvolvimento mediúnico, assistência social etc., porque tudo isto é apenas um meio para atender, circunstancialmente, e para auxiliar o objetivo maior que é dar ao frequentador condições de alargar seus horizontes. Quando o centro espírita se volta para isto, as distorções doutrinárias deixam de existir e passam a preocupar menos. Com a visão ampla vem a consciência doutrinária, política, social, conferindo ao frequentador maior firmeza na interpretação e na participação. O processo, porém, é interdependente: dirigentes capazes criam no centro espírita a infra-estrutura necessária para produzir frequentadores conscientes. Os horizontes do centro se transferem para o frequentador, na maioria dos casos. Finalizando, amplos ou acanhados, estreitos ou largos, conforme o centro assim será o espírita.”

Herculano Pires, um dos mais lúcidos idealistas espíritas do nosso século, em seu livro “O Centro Espírita”, publicado pouco tempo depois do lançamento do meu livro de igual nome e que aborda assunto diverso do meu, afirma com todas as letras que “se os espíritas soubessem o que é o Centro Espírita, quais são realmente a sua função e a sua significação, o Espiritismo seria hoje o mais importante movimento cultural e espiritual da Terra”. Herculano, como se vê, se refere a dois aspectos fundamentais: função e significação, mas não fala do conhecimento deles a nível teórico e, sim, prático, porque se tomarmos nas mãos inúmeros documentos que circulam por aí nós vamos observar que muitos conhecem estes dois aspectos porque falam deles com grande propriedade, deixando, todavia, a prática dos mesmos envolta em uma bruma densa.

E por isso que ele mesmo, Herculano, desenvolve o seu raciocínio sobre a falta de percepção dos dirigentes espíritas, no mesmo livro, quando diz: “Temos no Brasil – e isso é consenso universal – o maior, o mais ativo e produtivo movimento espírita do planeta. A expansão do Espiritismo em nossa terra é incessante e prossegue em ritmo acelerado. Mas o que fazemos, em todo esse vasto continente espírita, é um esforço imenso de igrejificar o Espiritismo, de emparelhá-lo com as religiões decadentes e ultrapassadas, formando por toda parte núcleos místicos e portanto fanáticos, desligados da realidade imediata”.

O que é, afinal, que o Espiritismo significa e que os centros espíritas deveriam ensinar? – perguntará o leitor interessado. E nós responderemos, com Herculano Pires: “a Doutrina Espírita é uni chamado viril à dignidade humana, à consciência do homem para deveres e compromissos no plano social e no plano espiritual, ambos conjugados em face das

exigências da lei superior de evolução humana. Só nos aproximaremos da angelitude, o plano superior da Espiritualidade, depois de nos havermos tomado homens”.

Note o leitor com que felicidade Herculano coloca a questão, ao apontar para o “chamado viril”, isto é, uma ordem dada e dada com vigor, como quem, para despertar outrem do sono, chama com energia. É hora de acordar, lavar o rosto do longo sono do passado e verificar que o seu destino precisa ser construído por si próprio. É hora de abandonar o lamento, o choro, os peditórios, que sempre constituíram comportamento no passado, e descobrir que somos fortes, capazes de progredir com os nossos pés.

Ele vai mais longe ao afirmar que somos chamados à dignidade, à consciência para deveres e compromissos no plano social e espiritual. Dignidade, sim, porque há muitos centros espíritas em que o comportamento dos seus dirigentes não é digno nem conduz a ela. Pelo contrário, é açucarado, adocicado pelo temor religioso, pelo medo de perder o apoio dos espíritos, do encaminhar-se após a morte para o Umbral, quando não, pelo temor de vir a sofrer ainda nesta encarnação dores provenientes de um castigo qualquer, que supõem os Espíritos poderão dar. Eis aí uma atitude reveladora de falta de dignidade para consigo mesmo, atitude que o acaba comprometendo pela falta de coragem, pelo desconhecimento do verdadeiro Espiritismo, e cujo comprometimento acaba por estender-se àqueles frequentadores, que se reúnem sob suas asas, perpetuando neles os lamentos e choros comuns do velho e carcomido aprendiz de cristão via religiões ocidentais.

A questão de igrejificação do Espiritismo é um negócio muito sério. Muitos, seguindo o lúcido Herculano, apontam esse problema. Congressos e seminários, inclusive realizados fora do Brasil, acusam o movimento espírita brasileiro de tendência ao religio-sismo, o que é o mesmo, considerando que o Espiritismo não é religião e que o que se passa no Brasil é uma excrecência. Esse aspecto precisa e deve ser analisado, pois a igrejificação dos centros espíritas poderá levar o Espiritismo para um ponto de total descaracterização. Nos centros espíritas, muitas vezes, o chamado viril anunciado por Herculano Pires é substituído pela voz melíflua - e portanto supérflua - dos anunciadores da consolação, sem que o aspecto mais importante, que exige maior lucidez de todos, seja sequer tocado. Fórmulas são recitadas, princípios são repetidos, os passes passam para uma função automática, cria-se um mecanismo de ação para todos os dias e os Espíritos já desencarnados continuam afirmando que a humanidade, em sua esmagadora maioria, aportam do outro lado sem qualquer preparação efetiva.

Um imenso fosso vai aos poucos se abrindo e separando muitos centros espíritas do Espiritismo codificado, acima de tudo pela tendência igrejeira dos seus dirigentes. Quando Herculano Pires fala de uma certa virilidade ele, com certeza, lembra Paulo de Tarso, mas os nossos dirigentes - não todos, é evidente - quando pensam em Espiritismo agem como fariseus. Fazem isso por maldade? Claro que não, é evidente. Fazem-no por pura ignorância espiritual. São ingênuos. Mas têm sua culpa, porque estão escrevendo a história da Doutrina

Espírita com seu comportamento. Mais do que isso, estão preparando mal as futuras gerações.

O fosso que se abre entre eles e a doutrina vai servir um dia para que eles mesmos caiam, porque vão querer regressar e não vão ter como. A idéia de religião que eles têm não é a que o Espiritismo tem. Religião segundo o Espiritismo nada tem a ver com quadros, santos, imagens, missas, água benta, santinhos, etc. Mas a religião desses dirigentes está ligada diretamente a isso. Eles não entendem outra coisa. Até a fala mansa e adocicada do padre eles tentam reproduzir, para tomar o ambiente propício à sonolência. A Religião para o Espiritismo tem a ver com a vida no seu todo, com o comportamento dos indivíduos, do ato de pensar à ação propriamente dita.

O centro espírita, antes de ser um lugar de rezas e repetições de fórmulas, precisa ser um lugar onde os indivíduos vão aprender com a doutrina uma nova ordem de coisas. Antes de lhes cobrar este ou aquele tipo de comportamento, é preciso oferecer-lhes as bases doutrinárias sobre as quais eles deverão passar a raciocinar. Ora, isso parece algo difícil, extraordinário; mas não é. É muito simples, desde que se tenha conhecimentos de doutrina. A falta desses conhecimentos | determinante para fazer com que certos dirigentes misturem as coisas e façam do centro uma espécie de continuidade dos templos católicos e protestantes, quando na verdade o Espiritismo veio para libertar o homem das amarras que estas religiões criaram.

Aquela senhora que um dia me perguntou o que eu achava do quadro de São Jorge na sua parede é bem o exemplo disso. Apesar de minha resposta vir contrariamente ao seu pensamento, ela preferiu ficar com o quadro e manter aquilo que ela chamava de sentimento das pessoas que frequentavam o centro: aquelas pessoas estavam acostumadas à presença do quadro e de outros símbolos religiosos e, portanto, ficariam muito tristes se ela os retirasse das paredes. Eis aí a prova. Ela tinha o centro espírita não para esclarecer, para ensinar o Espiritismo, mas para agradar e manter a ignorância dos frequentadores.

Ninguém discute a validade de muitos trabalhos assistenciais dirigidos pelos espíritas. Mas esses trabalhos, para alguns dirigentes de centro servem de pretexto para que se omitam no trabalho maior e mais importante: o de ensinar a doutrina. Eles alegam falta de tempo. Costumam às vezes ir mais longe ao dizer que “alimentar as viúvas” é muito mais meritório. O que acontece é que ensinar a doutrina exige sacrifícios que eles não estão dispostos a fazer e por isso eles subvertem a ordem, colocando como prioritário aquilo que é apenas complementar. É como se alguém pegasse as obras de Emmanuel e André Luiz e com base nas suas informações dissesse que não tem necessidade mais dos livros de Allan Kardec. Ou seja, os bois acabam passando á frente do carro e com isso o fosso vai se alargando cada vez mais.

É inevitável: os frequentadores em sua esmagadora maioria sairão à semelhança dos dirigentes. Se os dirigentes perpetuam o comportamento arraigado do religiosismo

formalista os frequentadores se comportarão segundo o modelo. Mais do que isso, eles desenvolverão essa coisa formal que já está dentro deles, que faz parte de sua cultura humana, adquirida ao longo de inúmeras experiências na carne. Por exemplo, quando se fala de reforma íntima e se aponta como referencial, de um lado a colônia Nosso Lar e de outro os quadros terríveis dos sofreadores das zonas umbrali- nas, poderemos estar apenas reforçando a idéia dantes- ca do inferno, alimentada ao longo de séculos como meio de dominação pelos religiosos clericais. Essa situação poderá ser assustadora, mas jamais será posi- va. Os mais ingênuos poderão se acalmar, mas com certeza nada farão de efetivo no sentido do conhecimento de si próprios, que é a chave para a evolução espiritual.

Afora isso, há uma multidão de coisas que precisam ser conhecidas. Os dirigentes que limitam os seus frequentadores às paredes da casa espírita criam para eles um mundo falso, um universo pequeno, um Espiritismo acanhado. É hora de pensar seriamente nisso.

## O dirigente que virou mentor

- Senhor expositor - perguntou-me a senhora, tão logo acabei minha palestra - existe aqui entre nós um assunto que está provocando discussões e eu queria que o senhor nos ajudasse a esclarecê-lo. O fundador do nosso centro, que era muito querido, acabou de desencarnar. Eu queria saber se poderíamos designá-lo mentor do nosso centro? Há entre nós um grupo que discorda dessa homenagem que desejamos prestar a ele. O que o senhor nos diz?

\*\*\*

Há duas maneiras conhecidas de se definir o mentor de uma instituição espírita. Por decisão do Plano Espiritual ou por deliberação dos encarnados. O primeiro caso é o mais comum; o segundo é raro e desemboca em grandes discussões, por tudo o que envolve. Entretanto, às vezes ocorre o caso de um grupo tomar a decisão de indicar o Espírito que gostariam de ter como mentor de suas atividades. Para entender o assunto e poder analisar os dois casos, é preciso conhecer, antes de mais nada, a figura do mentor.

Mentor é o guia espiritual da instituição, aquele Espírito que, teoricamente, deve orientar o grupo nos caminhos a seguir. Nem sempre isso acontece na medida exata; ora acontece de menos, ora acontece de mais. Explicando: ora o mentor assume uma postura de soberano e como tal atua, mandando e desmandando, sob os olhares passivos dos encarnados; ora o mentor não é consultado, passando a figura decorativa. Ele tenta exercer o seu papel mas não consegue ser ouvido.

Estes dois extremos são contrabalançados por aqueles que compreendem a importância da existência do mentor e agem segundo o velho lema português: nem tanto ao mar nem tanto à terra. Assim como o mentor não pode ser uma peça decorativa, também não pode ser tomado na base de ser infalível, que tudo sabe e tudo pode. Frequentadores e dirigentes se vêem na obrigação de não tomar a posição passiva, de quem tudo ouve e acata, nem a

posição ativa, de quem tudo decide sozinho.

Pode parecer um tanto estranho, para alguns, o fato de haver grupos que decidem, por conta própria, designar a figura do mentor. Mas existem. Como essa escolha é feita e quais os critérios utilizados já é outra questão. Conheci, por exemplo, o caso de um grupo que se reunia uma vez por semana na residência de um dos seus integrantes. Certa feita, o grupo ficou sabendo que o Espírito de Cairbar Schutel estava constantemente presente as suas reuniões e tinha muito interesse nos seus trabalhos. Essa informação foi recebida com bastante satisfação pelo grupo que, tempos depois, resolveu fundar uma instituição juridicamente legalizada, à qual deu o nome de Centro Espírita Cairbar Schutel, designando o conhecido batalhador espírita como o mentor do centro.

Como este caso, existem inúmeros outros. Pessoas comuns e médiuns diversos, ao fundarem suas instituições, escolhem muitas vezes o nome de um conhecido espírita desencarnado para a instituição ao mesmo tempo em que atribuem àquele Espírito as funções de seu mentor. Há centros que não se contentam em apenas ter um mentor geral e acabam por designar os mentores de cada atividade e até mesmo de cada sub-atividade.

No caso do grupo em questão - e este caso serve para os demais - deveríamos perguntar: será que Cairbar passou a exercer realmente aquela função ou será que o Plano Espiritual designou outro espírito? Responder a uma questão desta não é muito fácil, mas isto, com toda a certeza, não tem muita importância. Falando com toda a clareza, não importa se a Cairbar Schutel ou a outro Espírito foi dada a incumbência de dirigir espiritualmente o grupo. O que importa é como essa atividade é desenvolvida e de que forma os integrantes do centro vêem a figura do mentor.

Nenhum Espírito, no Brasil, terá sido mais solicitado a assistir os trabalhos de casas espíritas do que Bezerra de Menezes. Por tudo quanto ele foi ou dele se falou, Bezerra é considerado o mentor de centenas de centros, grupos de socorro e até o Espírito de plantão de milhares de famílias. Com toda a certeza, a figura ímpar de Bezerra de Menezes não possui condições de atender pessoalmente a todas as solicitações, mesmo se descontando aquelas - que devem ser centenas - não merecedoras. É, pois, forçoso acreditar que o conhecido Espírito delega a outros a incumbência de realizar tarefas em seu nome, até mesmo o exercício do cargo de mentor espiritual de muitos centros. Neste caso, embora ele, Bezerra, não exerça a função, aqueles que o fazem em seu nome, é necessário crer, estão à altura de o fazer.

Estamos aí diante de um dos aspectos importantes da questão: o desempenho da tarefa. Imagina-se que um mentor de verdade deseje ver o centro trilhando o melhor caminho e seus adeptos colhendo os melhores frutos. A função do mentor, pois, é a do orientador, aquele que observa a situação de uma posição privilegiada e procura passar aos seus amigos encarnados as melhores informações. Neste caso, seu comportamento se dá como o entende Kardec: ele age no sentido de influir no grupo, mas deixa ao grupo o ônus das decisões que

deve tomar. Mentor que é mentor não decide pelo grupo nem baixa normas.

Acontece que muitos espíritas mal informados pensam exatamente o contrário, isto é, imaginam eles que cabe ao mentor dizer tudo quanto devem fazer. Esses têm sempre os seus médiuns preferidos, quando não são eles mesmos os médiuns. Olvidam a informação dada por Kardec de que “há espíritos falsos e meio sábios, os orgulhosos, os presunçosos e os sistemáticos”. Jamais imaginam-se presas deles, pelo contrário, acreditam piamente que os espíritos que os orientam são melhores e mais sábios. Seguem-nos em tudo e são até capazes de por eles brigar.

Como se vê, estamos num terreno minado. É preciso pisar com cuidado para não provocar uma explosão. Parece claro que não é importante ou fundamental conhecer a figura do mentor. O que é preciso saber é como ele age. Se seu comportamento não for o do Espírito que orienta e respeita o livre-arbítrio, não duvidemos, será melhor destituí-lo do cargo e esperar pela vinda de outro que saiba desempenhar bem as funções.

Por outro lado, parece mais lógico deixar ao Plano Espiritual a função de designar o mentor dos trabalhos do centro espírita. Senão por bom senso, até mesmo por uma questão de lógica. Vejamos: as atividades do centro se dividem, claramente, em duas partes: a material, que se passa com a ação dos encarnados e aos seus olhos, e a espiritual, que se desenvolve do outro lado e sobre a qual não temos quase que controle nenhum. Assim como do nosso lado nos preocupamos em eleger o presidente para gerir os destinos do centro, do lado dos Espíritos eles, com toda certeza, se preocupam em designar o Espírito que deve coordenar as atividades a eles inerentes.

Aqueles que acreditam que não há nada de mais no fato do grupo indicar o seu mentor poderão argumentar que vivemos parte de nossa existência em contato direto com os Espíritos, principalmente quando dormimos, além de podermos contar com bons médiuns para estabelecer com eles um canal de entendimento. De fato, tudo isso é possível mas é ainda muito pouco para nos dar condições de exercer uma escolha com segurança.

O fato de um Espírito ser mentor de um centro espírita não significa que ele deva se dar a conhecer aos encarnados. Pode não haver condições para isso, até mesmo não haver necessidade. É o caso do Guia Espiritual: todo mundo tem um, mas são raros aqueles que sabem quem é ele. Muitas vezes o mentor passa meses e anos sem se manifestar ao grupo e mesmo assim continua trabalhando e influenciando, através do pensamento, como o descreve Allan Kardec.

Assim como todo ser encarnado tem seu guia espiritual, as coletividades também o têm. O nível evolutivo do mentor é, no mínimo, igual ao do grupo ou então superior. Daí não segue que todo mentor que por aí se apresenta é um Espírito superior. Muitas vezes, o clima espiritual do grupo acaba permitindo a intromissão de Espíritos galhofeiros, que se manifestam como se fossem mentores. Isso ocorre não poucas vezes sem que o grupo perceba o engano de que está sendo vítima.

Entre muitos casos vividos, lembro-me de um em que o mentor, a partir de certo dia, passou a exigir do grupo que acendesse velas todas as sextas-feiras, sob o argumento de que estavam sendo tratados espíritos muito atrasados e dependentes dessas coisas. O grupo atendeu, com certa alegria. Era o teste. Daí para frente a besta desandou. Foi psicografada uma oração, com a ordem para que fosse dita todas as vezes que fossem acender velas. Noutra ocasião, o tal “mentor” chegou ao cúmulo de organizar uma procissão em volta do prédio, com o pretexto de formar um cordão fluídico de proteção ao centro. A situação chegou a tal ponto que de espírita só ficou o nome.

Como tudo tem o seu final, surgiu entre os frequentadores alguém que desconfiou do “mentor” e deu o alerta, dizendo que nos livros espíritas não havia nada daquilo. Lógico, o brado serviu para acordar alguns e desagradar outros que, desgastados, seguiram com o mentor para outras plagas.

As pessoas mal informadas têm o hábito de ouvir os Espíritos e dar a eles todo o crédito do mundo, como se eles fossem infalíveis. Não raciocinam e não gostam que os outros o façam. São essas as pessoas mais fáceis de serem enganadas, embora elas mesmas pensem o contrário. A única forma de se ter segurança quanto às manifestações dos Espíritos é exercer sobre estas manifestações um controle rígido. Isto é uma obrigação daqueles que estão em contato com os Espíritos e é a única maneira que temos de nos certificar de sua competência.

\* \* \*

Após fazer estas observações, concluí o raciocínio lembrando o fato de que as pessoas, na aparência, poderiam nos enganar. Muitas vezes fazemos uma imagem delas que não corresponde à realidade. Há casos inúmeros de pessoas de aparente bom coração que, desencarnadas, revelaram-se o contrário do que aparentavam. Talvez fosse melhor prestarem um outro tipo de homenagem ao dirigente recém-desencarnado, deixando ao Plano Espiritual a questão do mentor. Confesso que não houve muito entusiasmo por parte dos presentes com esse meu ponto de vista. A senhora, tão simpática, que fizera a pergunta, ficou como que triste diante dos argumentos. Mesmo assim, respondi a outras rápidas questões e parti. Algum tempo depois, fiquei sabendo de um centro espírita em que o ex-dirigente e fundador passou a mentor da casa...

## Um caso de política interna

O Centro Espírita Irmão Adolfo é um dos maiores e bem organizados da região sul da capital paulista. Vi-o em seu início, quando não passava de uma casinha simples existente ao final de uma rua descalça, pelos idos de **1971**. Era difícil e perigoso ir até lá. A possibilidade de ser assaltado era enorme. Para alcançá-lo tínhamos que saltar do ônibus no seu ponto final e percorrer mais ou menos um quilômetro a pé, passando por ruas desertas e sem

iluminação. Ainda assim, tuna vez por mês lá estávamos.

Aos poucos, a rua foi crescendo, o asfalto chegou junto com a energia elétrica e o Irmão Adolfo acompanhou o progresso. O empenho dos primeiros obreiros levou areia, cal, cimento, tijolos e frequentadores para lá. O prédio foi erguido com amplas salas, cursos foram estabelecidos, a assistência espiritual e a social foram melhoradas.

Por exigências das atividades, passei uns bons dez anos sem lá comparecer, até que, um dia, encontrei-me com antigo dirigente do Irmão Adolfo. Conversa prá cá, conversa pra lá, ficamos cerca de duas horas lembrando o passado, quando então ele me convidou para retomar ao centro e fazer uma palestra. Dia e hora definidos, lá estava eu, coração aos pulos pela alegria de retomar a um local de tantas saudades. Após a palestra, fomos todos, antigos e novos dirigentes, para uma sala agradável, trocar idéias. Foi quando fiquei sabendo do problema: estavam se aproximando as eleições que deveriam definir a próxima diretoria e duas chapas concorriam ao pleito. Até aí, tudo bem. O problema maior era que elas se digladiavam, espalhando a dissensão. Utilizavam de recursos diversos para conquistar a simpatia dos eleitores, os sócios do centro, inclusive de alguns pouco recomendados. Ambas diziam, finalmente, que eram apoiadas pelos espíritos que dirigiam o centro, inclusive o Mentor.

Eis aí uma questão de política interna, de difícil solução. Quando os ânimos se acirram, toma-se um problema controlar a questão. O pior para mim, naquele momento, era que em ambas as chapas encontravam-se amigos dos velhos tempos, que me pediam uma opinião. E agora, José? Confesso que, mais uma vez, fui salvo pelos Espíritos. Acompanhava-me naquela ocasião, uma amiga, da qual conhecia as faculdade de vidência, mas não a psicofonia. Eis que, num instante de silêncio, ela se manifestou, quase que transfigurada, com a seguinte mensagem:

“O movimento espírita, como qualquer outro grupo social, é constituído por seres humanos com seus defeitos e suas qualidades. Por trás, muitas vezes, do ideal que dizemos esposar, existe um forte conteúdo de egoísmo marcando as nossas ações. O fato de haver mais de um postulante ao cargo de direção de um centro espírita não é, em si, um mal. Pelo contrário, é esta condição que impede a continuidade atrofian-te. O problema maior existe exatamente quando os postulantes, em nome do ideal e da causa, assumem o comportamento criticável nos políticos de carreira e misturam seus interesses e opiniões com os interesses e opiniões dos Espíritos, atribuindo a estes interesses que são apenas seus.” Cada centro espírita tem sua própria realidade e diante dela é que os problemas devem ser analisados. No caso em questão, a divergência era assinalada por pontos de vista. Uma das alas entendia que aquele centro devia corrigir seus rumos e reduzir a força do misticismo que lá existia. Segundo seus integrantes, havia falta de uma melhor orientação aos frequentadores, o que os estava levando ao fanatismo, uma vez que não raro se ouvia entre eles elogios desmesurados ao centro, em detrimento de outras casas, onde diziam não haver

o mesmo clima espiritual.

Não é preciso dizer que o outro grupo não entendia dessa maneira, pois acreditava que este tipo de ocorrência era esporádica e não correspondia à realidade, só acontecendo com as pessoas mais refratárias ao estudo doutrinário e portanto, menos capazes de raciocinar e entender que esse tipo de comportamento não está de acordo com os postulados doutrinários. A correção disso, segundo eles, não exigia medidas profundas de renovação, senão medidas orientadoras em momentos adequados.

Absolutamente, não entendia assim a outra ala. Estavam seus membros certos de que a questão era de raízes, de estrutura, pois o centro havia crescido muito rapidamente e não tivera tempo de cuidar de detalhes aparentemente pequenos mas de fundamental importância para o centro. Era preciso, no seu entender, uma renovação radical, uma vez que os responsáveis por esse estado de coisas não aceitavam a realidade nem admitiam a situação.

Como se vê, a questão parecia não ter fim. Acusações de ambos os lados poderiam levar a um estado de coisas insustentável. A situação caminhava para a divisão irremediável. A animosidade daria lugar ao rancor em pouco tempo. O grupo da situação estava já sendo criticado por tomar atitudes desonestas, aliciadoras de sócios, sob o argumento de que se a ca- 107 sa vinha tão bem até ali era porque o Plano Espiritual estava de acordo. Apontavam mensagens recebidas em que os Espíritos os apoiavam, claramente, indicando a existência de incursões das Trevas, que desejavam destruir o trabalho, a casa, erguida com tanto sacrifício.

A oposição não deixava por menos. Além das críticas que fazia com razão contra os detentores do poder, também distribuía mensagens do Mundo Espiritual, nas quais os Espíritos se manifestavam a seu favor, desejosos de mudança. Sem medir mais seus argumentos, chegavam ao ponto de afirmar que os atuais diretores eram ineptos e desonestos, que as contas financeiras eram manipuladas e assim por diante. O clima era absolutamente tenso e isso podia ser sentido no ar, nas feições dos frequentadores mais envolvidos com a casa.

Havia, mesmo, ideal na luta de cada postulante, perguntei? Claro, responderam eles ao mesmo tempo. Pois bem, então vamos ver. Qual das duas alas concorda que haja se excedido aqui e ali, nas suas atitudes, que haja cometido erros que deveriam ser reparados? Silêncio. Todos vocês acreditam, mesmo, que estão certos e que não praticaram nenhuma ação que deva ser reparada, nesta campanha que ainda não se acabou? Silêncio.

Meus amigos, diz-nos a razão que, por sermos humanos, estamos prestes a cometer erros a todo instante. Diria mais, que Emmanuel afirma, com muita propriedade, que “por trás da cortina do ‘eu’, conservamos lamentável cegueira diante da vida”. Isso é validado pelo Espiritismo, de forma geral, caso contrário seríamos todos aqui seres superiores e não estaríamos vivendo essa situação. O que é pior neste episódio, o clima criado ou a divisão que

se estabeleceu? Parece evidente que a divisão, pois o clima é fruto dela. Ora, quando as coisas chegam no ponto em que chegaram, pode-se esperar de tudo de ambas as partes. É a Doutrina Espírita que afirma, que a paixão cega a razão. Estamos ambos apaixonados pela causa, sem precisar que a causa é de todos e não de alguns. Não há entre nós, com certeza, missionários. Cada um de nós vai afirmar isso em relação a si próprio, sem pestanejar. Acontece que estamos agindo como se missionários fôssemos e de nós dependesse a salvação da causa. Isso é o absurdo resultante da falta de bom senso que está havendo entre nós.

Somos experientes o bastante para saber que estamos pondo nesta luta muito de nós mesmos, dos nossos desejos pessoais e de nossas fraquezas. O egoísmo está ainda muito forte dentro de nós. De acordo com as Leis Morais, de "O Livro dos Espíritos", é ele que se manifesta quando invocamos o ideal e invalidamos a disposição alheia de também lutar. É por isto que Emmanuel afirma com precisão que "em todos os passos da luta humana, encontramos a virtude rodeada de vícios e o conhecimento dignificante quase sufocado pelos espinhos da ignorância, porque, infelizmente, cada um de nós, de modo geral, vive à procura do "eu mesmo".

O que devemos fazer? Deixar de lutar? Entregar os pontos, como se diz na gíria? Absolutamente. O que precisamos é de reflexão e de um pouco de humildade, com toda certeza, por que será assim em qualquer lugar em que formos trabalhar pelo bem comum. Somos humanos, agimos com os instrumentos de que dispomos, uns serão mais eficientes e outros menos. Se não for possível enxergar tão mais longe quanto é preciso, que pelo menos tenhamos a capacidade de verificar, cada um de per si e em seu próprio silêncio, o quanto devemos aprender.

A causa espírita está muito bem plantada hoje, para não mais depender de uma figura isolada. Entendemos isso, já que sabemos não sermos missionários. Entendamos isso na prática. Como? Percebendo o quando perdemos tempo tentando encontrar as falhas adversárias para atacá-las, a fim de que por este caminho consigamos a vitória. Numa guerra, se de ambos os lados temos baixas, o vencedor tem muito pouco a comemorar.

A primeira providência, cabe-me dizer, que deve ser tomada é a do entendimento entre as partes. Isso é coisa de seres maduros, o que vocês admitem ser, portanto é perfeitamente possível. Só isso vai acabar com essas besteiras todas que estão sendo ditas em nome de Espíritos que sequer estão presentes com certeza. Raciocinem comigo, será possível que os Bons Espíritos estejam em disputa entre eles também? Vocês acreditam nisto? Então como se explica o fato de ambas as chapas estarem dizendo que os Espíritos estão com elas? Uma ou outra estará equivocada, ou ambas estarão, o que nos parece mais lógico?

Nós todos estudamos Doutrina Espírita, por isso sabemos que os Espíritos Superiores têm muitas ocupações sérias, de modo que eles não perdem tempo com questões dessa natureza. Essa disputa é meramente humana, nada tem a ver com os Espíritos. Ora, forçar a disputa para este lado é meter nela seres que nada têm a ver e isso não é muito honesto. É preferí-

vel assumir, com todas as letras, as nossas intenções, mesmo que elas venham a revelar nossas imperfeições, que colocar nas costas dos ausentes o peso dessa responsabilidade.

Já que Emmanuel acabou entrando aqui, vamos aproveitar mais um pouco dele para tentar nos entender. Vejamos essa sua afirmativa: “Nas obras do bem a que nos devotamos, estimamos, acima de tudo, os métodos e processos que se exteriorizam do nosso modo de ser e de entender, porquanto, se o serviço evolui ou se aperfeiçoa, refletindo o pensamento de outras personalidades acima da nossa, operamos, quase sem perceber, a diminuição do nosso interesse para com os trabalhos iniciados.”

Essa afirmação de Emmanuel é, sem dúvida, excelente para nossa meditação. De ambos os lados precisamos usar o raciocínio para que a obra não softa além do inevitável, com as nossas decisões. Ora, se dispomos do poder e entendemos que o bem depende de nós e, para defendê-lo, devemos agir com todas as forças, é possível que cometamos desatinos sem perceber. O poder é muito atraente, não há dúvida. Na maioria das vezes, quem o detém não deseja largá-lo e quem quer alcançá-lo não vê obstáculos. Tendo-o à mão, como seres humanos comuns concordaremos que a ética depende da ótica e, portanto, faremos o que for necessário para não soltá-lo. Razões? Ora, é fácil alinhavá-las. No entanto, como espíritas, saberemos que a ética é uma só e está ligada à consciência e não à ótica. Portanto, se somos espíritas, embora queiramos esconder, argumentar que tal ou qual coisa é lícita, em nossa consciência sabemos se é ou não.

O poder nos permite coisas que sem ele não fazemos. Para detê-lo, podemos usar de argumentos e de ações irresponsáveis, podemos aliciar, porque é mais fácil aliciar com o poder nas mãos do que sem ele. Aí entramos naquilo que diz Paulo de Tarso: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm”. Ocorre que devemos medir as coisas não apenas pelo presente, mas também pelo futuro. O que ocorre com a pessoa sadia que, de repente, cai nas malhas de uma obsessão? Ela abriu as portas, deu razões, permitiu que algum Espírito a dominasse. Quase sempre isso acontece por uma falha moral, como sabemos. Ora, a moral é fundamental para mantermos o equilíbrio de uma casa espírita. Ela é a melhor proteção que podemos ter. Porém, como mantê-la, se pensamos defender nossa posição pessoal agindo como se fôssemos um político de carreira comum, sem medir consequências? O grupo tem responsabilidade nisso. Pense-mos o que será de nossa casa se a disputa prosseguir neste mesmo diapasão. Amanhã, quando as eleições passarem, teremos de conviver com vencedores e vencidos. O que acontecerá? Provavelmente, os vencidos se afastarão da casa, ou por conta própria ou por ação dos vencedores, que os julgarão inaptos a permanecerem. E se, mesmo assim, permanecerem, com certeza formarão um grupo ainda mais acirrado, que impedirá ao centro de cumprir com tranquilidade suas tarefas. É lícito isso, ou seja, isso é bom?

O que tem ocorrido em casas co-irmãs, onde as coisas aconteceram com gritante semelhança e o processo não foi controlado a tempo? Colaboradores foram expulsos, como

se fossem maus elementos, outros se afastaram corroídos pela mágoa de terem dado o sangue pela casa durante anos e ao final serem enxotados como cães. Outros permaneceram feridos em sua dignidade, enfim, os vencedores foram mais realistas do que o rei, esqueceram-se de sua posição de espíritas e eliminaram os pensamentos discordantes. Eliminaram? Impossível, apenas reduziram a sua força, mas um dia qualquer ela volta e volta pior que antes, prometendo criar situações ainda mais desgastantes.

As ações dos líderes costumam criar seguidores, por mais discutível que seja a liderança. Lá atrás, aquele frequentador que está chegando há pouco no centro poderá se espelhar amanhã nas atitudes de agora, das lideranças atuais, tendo como parâmetro o mesmo que está sendo feito na atualidade. Sua razão poderá se basear nos exemplos do passado para agir e ninguém poderá criticá-lo por ter se espelhado naqueles que o orientaram para a vida.

As disputas são válidas, meus irmãos, o que é condenável é a atitude imoral daqueles que entram na disputa como se ela fosse de vida e morte. Ora, acima de tudo, existe Deus..."

\* \* \*

Essas coisas se passaram em **1986**. Quatro anos depois eu ainda não havia voltado lá, mas quando o fizer, irei na esperança de abraçar os mesmos e velhos amigos...

## *Palestras Públicas*

Há muitos anos, ouvi de um importante dirigente espírita a afirmação de que o "tempo das palestras públicas já havia acabado", de forma que ele **1** dizia peremptório - não mais aceitaria fazer palestras em centros espíritas. No entender daquele dirigente, os caminhos agora deveriam ser outros, isto é, o centro espírita deveria se preocupar em dar cursos para seus frequentadores, ao invés de estar promovendo palestras que nada acrescentam ao conhecimento de ninguém.

Pensando bem, até certo ponto ele tinha razão, uma vez que há muitos palestristas que não estão preparados para a tarefa e são verdadeiros repetidores de outros mais inteligentes e estudiosos, isto quando não dizem besteiras e prejudicam os ouvintes.

A coisa, porém, não reside simplesmente aí. O fato de existir maus oradores não invalida o trabalho dos bons nem tira o valor das palestras públicas. Mesmo considerando a fugacidade das palestras, é certo que elas desempenham um bom papel na divulgação do Espiritismo. Por inúmeras razões que poderemos enumerar.

Nem sempre o público das palestras é o mesmo dos cursos e de outros trabalhos do centro espírita. Muitas vezes, esse público é constituído de pesso - **115** as novas, que estão chegando agora na casa ou que nunca foram ao centro espírita. Atraídos pelo assunto a ser exposto ou pela curiosidade em relação à doutrina, muitos aproveitam a oportunidade que lhes oferece uma palestra para comparecerem ao centro. É um erro imaginar que pelo

simples fato de que as palestras não educam – no verdadeiro sentido desta palavra – devem ser substituídas por cursos doutrinários. Os cursos são realmente importantes, mas as palestras têm sua validade.

\* \* \*

A Federação Espírita do Estado de São Paulo desenvolve trabalhos diversos próprios de um centro espírita, em virtude de um processo histórico irrefreável. Ali são desenvolvidas, há muitos anos, uma série de atividades como cursos doutrinários (em que ela é pioneira no Brasil), assistência espiritual, palestras públicas, etc., o que faz daquela instituição uma verdadeira colméia em constante atividade. Os trabalhos ali começam às oito horas da manhã e a casa não fecha suas portas antes das 10 horas da noite.

Uma certa ocasião, ainda quando a sede da Federação era na Rua Maria Paula, 158, um prédio antigo que depois foi demolido, um senhor bem vestido porém aparentando uma certa preocupação solicitou à pessoa que estava na porta do salão Cairbar Schutel para assistir à palestra que ali se desenvolvia, no que foi atendido. Aquelas palestras precediam os passes que eram dados continuamente ao longo do dia, para as pessoas portadoras de autorização. Aliás, não eram propriamente palestras, mas preleções rápidas, de 10 minutos mais ou menos, feitas por pessoas que se revezavam na tribuna, em tomo de temas evangélico-doutrinários.

O referido senhor ouviu atentamente as palavras do palestrista e resolveu ficar. Logo em seguida, outro palestrista assumiu a tribuna e fez sua preleção. Mais uma vez o senhor resolveu ficar. Retomou ao microfone o primeiro palestrista e, abordando outro assunto, fez sua apresentação. O senhor não fez menção de se levantar. Quem conhece aquele trabalho sabe que ao final de cada preleção os presentes se levantam e se dirigem a outra sala para o passe, indo embora em seguida. A sala de palestras se enche novamente de outras pessoas e assim vai quase que o dia inteiro.

Ao final de várias preleções, o senhor se levantou e foi até a tribuna emocionado para agradecer o bem que recebera. Tencionava até pagar os palestristas, se fosse o caso. Não era. Segundo ele dissera, apesar de muito rico, inúmeros problemas o pressionavam nos últimos tempos, de tal forma que o suicídio fazia parte de seus planos. A partir daquele dia, dizia ele, reformularia o seu conceito de vida. Estava feliz por tudo o que ouviu.

\* \* \*

Como esta, inúmeras outras histórias existem e poderiam ser aqui relatadas. No entanto, há outros pontos que merecem ser tocados. Por exemplo, os cursos regulares de Espiritismo são, sem dúvida nenhuma, um dos melhores trabalhos a favor dos frequentadores. Qualquer pessoa sensata haverá de perceber que, através de um curso a pessoa dispõe de melhores condições para se aprofundar nos conhecimentos, além de dispor da presença do orientador e dos colegas, o que facilita a troca de pontos de vista.

O crescimento verificado na maioria absoluta dos centros espíritas tem como razão

fundamental os cursos regulares. Sobre isso o Codificador fora bastante feliz ao dizer que o futuro do Espiritismo, em termos de sua popularização, poderia ser abreviado com o estabelecimento deles. Apesar do difícil começo, já que as experiências definitivas e que lhes deram campo só foram acontecer no início da década de cinquenta, na Federação Espírita do Estado de São Paulo, os cursos prosseguiram e, das discussões sobre a sua viabilidade passou-se ao debate sobre o seu aperfeiçoamento. Não há, portanto, mais o que discutir e sim o que melhorar.

Ora, o argumento de que os cursos são mais proveitosos do que as palestras públicas não serve para invalidar o valor das palestras. Que os cursos têm melhores resultados, ninguém mais discute, porém, que as palestras continuam válidas também é verdadeiro. Em primeiro lugar, pelo aproveitamento do tempo ocioso, que muitas casas possuem; em segundo lugar, pelo fato de que as palestras permitem, também, a troca de experiências e o arejamento de idéias..

As palestras, quando bem conduzidas, são de grande valor. Modestamente, poder-se-ia dizer que as melhores palestras são aquelas em que os palestrantes, em lugar do monólogo, abrem espaço para discussão com o público. Evidentemente, quando o público é muito grande fica difícil esse contato. Porém, a discussão entre palestrante e público permite um melhor aproveitamento do assunto, além de eliminar dúvidas dos presentes. A experiência demonstra que, não raro, o expositor conduz melhor o assunto quando conhece o nível de interesse dos participantes e isso só é possível com a sua participação.

A postura do palestrante é outra questão importante. Indivíduos que falam como se estivessem num nível de superioridade em relação aos participantes não conseguem a necessária empatia, pelo contrário, eles criam um distanciamento das pessoas presentes que dificulta o entendimento do assunto. A melhor forma de expor é criar um clima tal que os participantes se sintam em pé de igualdade, que na verdade existe, porque, se o palestrante consegue saber um pouco mais sobre o assunto do que os presentes, de forma geral, pelo fato de ter estudado mais o assunto, é correto dizer que os presentes podem ter opiniões importantes que melhoram o entendimento. Sem esquecer o fato de que entre os participantes pode haver também pessoas bastante estudiosas que estejam aptas a contribuir de forma decisiva. Mesmo porque, em matéria de conhecimento espírita, todos estamos aprendendo um pouco mais, diariamente.

O palestrante autoritário é hoje mais negativo do que positivo. Além de se constituir numa falta de bom senso o dirigir-se alguém a um público considerando-o de início inferior, é também uma falta de humildade. Considere-se, ainda, que cada tipo de público exige um tipo de comportamento do expositor apropriado, isto é, se alguém vai falar para um público que já conhece Espiritismo precisará utilizar uma linguagem que leve em consideração essa circunstância, senão não alcançará os seus objetivos.

O expositor moderno é inteligente. Ele consegue fazer de uma palestra uma quase que

aula, pois cria um relacionamento fácil com o público de tal modo que o leva a participar ativamente da palestra. Para ele, não é importante a impositação de voz e menos ainda a gesticulação estudada. Ele sabe que a naturalidade consegue melhores resultados do que as formas trabalhadas. Isso não significa que ele não deva saber falar ao microfone ou que não precise se dedicar ao estudo com interesse. Pelo contrário, tudo isso ele faz, mas deixa de lado aquele comportamento formal, a postura de quem tudo sabe, substituindo-a pela naturalidade e o tom coloquial de uma conversa bem conduzida. É o que diz André Luiz: ‘Palestrar com naturalidade, governando as próprias emoções, sem azedume, sem nervosismo e sem momices...’

O pessimismo com relação às palestras do citado dirigente espírita talvez se deva mais ao fato dos palestrantes repetidores e mal informados do que propriamente da importância das palestras. Afinal, há mesmo criaturas tão mal preparadas que chegam a irritar o público, principalmente às pessoas mais informadas, seja pelo tom de sua fala, seja porque se imaginam, naquele momento, portadores de um poder que na verdade não possuem. Eles fazem confusão com certas passagens de André Luiz, quando ele narra as preleções na Colônia Nosso Lar e mostra um público silencioso e atento, plenamente respeitoso, e de outro lado apresenta um orador de condições morais acima do comum. Ora, aquela é uma situação própria do contexto da narrativa e que nada tem com a maioria das palestras em nossos centros espíritas. Mesmo porque – e isso parece evidente – entre nós a semelhança moral entre os que falam e os que ouvem é muito mais forte do que em determinados planos da vida espiritual. Platéia e oradores, entre nós, na maioria das vezes se diferenciam apenas por um par de conhecimentos que o orador às vezes possui e não por uma condição moral por parte do orador que o coloca em plano de superioridade em relação aos presentes.

Desinformados, certos dirigentes de centros espíritas às vezes se arrogam portadores de missões importantes. Isso os leva a desenvolver o orgulho, que acaba por colocá-los num falso pedestal, onde acabam por se acomodarem. De lá, passam a dirigir ordens, a determinar atitudes, quase que obrigando as pessoas a segui-las sob pena de se verem fadadas ao umbral. Bobagem pura. A grande verdade ensinada pelo Espiritismo é que somos uma esmagadora maioria de seres em pé de igualdade moral, embora às vezes nos diferenciamos pelo saber temporário.

Se alguém disser que estamos na época de trocar idéias para aprofundar os conhecimentos doutrinários, principalmente no sentido de como aplicá-los à [120](#) nossa vida diária, aí, sim, terá a minha concordância. Mas não se imagine que penso numa prática falsa, farisaica, formal, para um simples atendimento daquilo que muitos chamam de “Reforma íntima”. Absolutamente. Não posso entender uma coisa tão séria quanto esta por um simples repetir de fórmulas e palavras. Muito menos pela ausência real de conhecimento doutrinário. O Espiritismo não pode esperar que os homens realizem a sua reforma moral se

eles desconhecem os envolvimento pessoais com a criação em toda a natureza. Ninguém pode coibir a sua participação negativa se desconhece os processos reais e suas diversas variantes. Estou falando grego? Se estiver, corrijo-me. O que desejo explicar é que não basta a alguém possuir um cademinho preto ou de que cor for e anotar ali as suas deficiências morais, para controlar a eliminação dessas deficiências. Ora, mais do que tudo, o homem precisa ser informado de que ele faz parte da vida, da que ele vê e da que não vê e que essa participação não é e nunca foi passiva, em instante nenhum, mesmo quando ele se coloca, como se diz na gíria, "em cima do muro". Dou um simples exemplo: o homem pensa, age sobre a energia (fluidos), atrai seres humanos invisíveis, que também pensam e têm suas criações mentais. O homem pratica, diariamente, com o seu pensamento, a ação de criar e recriar o seu mundo, não importa a sua condição cultural ou moral. São coisas dessa natureza que precisam ser repetidas, aprofundadas, esmiuçadas, em regime de plena liberdade de manifestação, para que as pessoas compreendam que o Espiritismo não é o lugar comum que dele querem fazer certas pessoas preguiçosas e pretenciosas. Repetir, continuamente, que é preciso fazer reforma íntima; repisar, sempre com as mesmas palavras e os mesmos exemplos dos sempre iguais autores, que existe a reencarnação, que os Espíritos se manifestam pelos médiuns, que existe vida após a morte, etc., etc.

- é, positivamente, uma perda de tempo efetiva. Quando as palestras se destinam a isso, aí, de fato, elas se transformam em coisa desagradável.

O mal das palestras está no fato de nada acrescentarem aos que as assistem, enquanto que o seu bem existe de fato quando elas tentam penetrar no âmago das nossas necessidades e apresentam, com isto, uma real possibilidade de aprofundamento doutrinário.